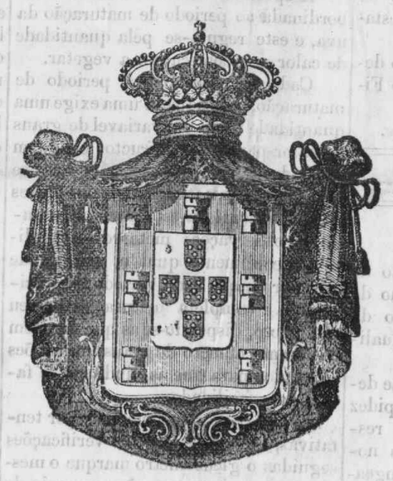
O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII — QUARTA-FEIRA 23 DE OUTUBRO DE 1889 — NUMERO 3:838



EL-REI D. LUIZ I

E' ainda cedo para fazer a historia do ultimo reinado. Está como que ainda quente o acervo de cinzas que restam do homem que foi rei. Soa ainda nos ares o dobre dos sinos pelo finado illustre, que por espaço de 28 annos prezidiu aos destinos do paiz, a quem honrou, porque exerceu nobre e correctamente as funcções da sua elevada magistratura, por que soube alliar a egualdade com o dever, a bonhomia com a probidade, a chefatura familiar, em que foi um primor como esposo e como pae, com as altas prerogativas de que officialmente se achava investido; e porque finalmente os seus actos publicos e particulares conclamavam que a democracia e a realeza estavam como que consubstanciadas no personagem augusto, que foi modêlo de reis.

D. Luiz não era um principe educado nas praxes palacianas, exageradas pelos aulicos, que tornavam a monarchia uma religião, cujos sacerdotes por amor da arte deixaram morrer de asfixia a Filippe II, auctor intransigente de uma pragmatica absurda e tyrannica. D. Luiz não se deixára embuir dos preconceitos tradicionaes, e mostrou-se no trato intimo e sempre que o ceremonial o chamava ao exercicio das suas obrigações magestaticas como um dos espiritos mais lucidos e mais cultivados da geração que passa. Não reinou por o direito de successão, mas pela rectidão da sua consciencia esclarecida, pela bondade natural do seu caracter, temperando a superioridade do cargo com a lhaneza individual, douto e habil entre os mais habeis e mais doutos do seu tempo.

E não exageramos fallando assim do rei extincto. Percorram todas as paginas da historia do seu reinado, e extraiam d'ella um facto unico, que revele incorrecção ou o proposito de infringir as regras fixas do pacto fundamental do estado. Podia uma ou outra vez obtemperar ás sugestões do momento, que outros apreciariam differentemente, como quem é interessado na solução das questões pendentes. Mas a coroa, no desempenho das suas atribuições constitucionaes, não podia deixar-se impressionar pelas affeições ou pelo odio, porque a lei organica a collocou a tal altura da arena em que se debatem os partidos, que nenhum d'elles póde ou deve influir singularmente nas suas resoluções. Por que o rei é o moderador de todos elles, tendo por guia e fanal a opinião justa e sensata da grande maioria da nação.

Interpretando d'este modo a carta, e executando-a no sentido mais liberal, D. Luiz mostrou verdadeiro desprendimento, dando exemplos de abnegação que honram o seu caracter. As idéas avançavam, e o rei acompanhou a evolução, prestando culto a todos os inventos uteis, tendo a felicidade de tornar o paiz prospero, em consequencia dos melhoramentos moraes e materiaes que se desenvolveram durante o seu reinado.

As liberdades publicas foram sempre garantidas, e apenas dois tumultos ensombram ligeiramente a chronica d'estes ultimos 28 annos. Em 1863 e em 1870 as sedições de cazerna, em Braga e em Lisboa, foram oomo que a nota discordante n'aquelle largo periodo de paz e de progresso. E se a ultima causou um certo abalo na administração, porque lhe succedeu a dictadura dos cem dias, a primeira passou despercebida para a quasi totalidade do paiz. Foram pois aquelles dois factos como que uma solução de continuidade ao socego e ao trabalho de um povo naturalmente pacifico e laborioso.

O rei era liberal, e tanto que no seu tempo se fizeram as reformas politicas, que os partidos activos entenderam dever introduzir na constituição. Mas antes d'ellas já nas colonias se tinha proclamado a emancipação dos negros, precedendo Portugal, esta nesga do velho continente europeu, a America emprehendedora, cujos progressos são o assombro do mundo, nas manifestações pelas franquias que proclamam a liberdade do homem. Referendou aquelle acto de primeira grandeza, como ministro responsavel, o marquez de Sá da Bandeira, um dos heroes mais sympathicos da grande epopeia constitucional.

*

Nas poucas palavras que ahi ficam não traçámos a biographia do rei D. Luiz, porque o nosso unico intuito era prestar homenagem ás altissimas qualidades do seu bello espirito, dizendo quanto sentiamos no momento doloroso em que elle já não podia ler o que nos dictava o respeito e a saudade, respeito pelas virtudes civicas de que deu sobejas provas, saudade pelo vulto distincto, que foi um dos maiores da epoca difficil que atravessamos, e que deixa de si não só memoria honrada, mas tambem um rastro luminoso, como meteoro que illuminando os horisontes da patria, já no occaso despedia raios tão brilhantes, que o paiz sente ainda hoje e sentirá por muito tempo os effeitos da refracção.

*

O successor do sr. D. Luiz é o sr. D. Carlos I, cujos sentimentos e educação asseguram a continuação da obra de seu glorioso pae. O novo rei é uma promessa a florir esperanças, um penhor de que proseguirá a alliança do povo com a monarchia, alliança que se iniciou com Affonso Henriques, que o mestre d'Aviz cultivou com esmero, que elevou ao throno o duque de Bragança, que firmou a actual dynastia, quando D. Pedro IV se collocou á frente do movimento liberal, que o acto adicional á carta de 1826 ratificou, e de que D. Pedro V foi um interprete dedicado, tendo a D. Luiz I por sustentaculo e por defensor. Quem na historia da sua familia encontra taes ensinamentos, não pode deixar de corresponder-lhes, exemplificando tambem que saberá honrar a liberdade e a patria, o que soube ser filho respeitoso, e é marido e pae amantissimo.

Os ultimos momentos

Foi uma noite lugubre a que passaram em torno do leito do moribundo as pessoas que tinham obrigação de assistir á sua agonia. Elle agitava-se de vez em quando nas convulsões extremas, e que a consciencia o não abandonára percebia se pelo modo como seguia indicações dos medicos, pelo «obrigado» que murmurava frequentes vezes, pela ternura evidente com que apertava de vez em quando a mão da esposa.

A' cabeceira do leito destacava-se aquella grande e tragica figura da rainha, immovel, serena, concentrando toda a sua vida nos seus infatigaveis desvelos. Mais abaixo, quasi aos pés do leito, os dois principes. A luz vacillante projectava as grandes sombras, o silencio era quasi absoluto, e lá fóra um pouco ao longe ouvia-se o murmurio eterno do mar.

Finalmente, ás 11 horas a agonia terminou, e a rainha, curvando-se sobre seu marido, beijou-lhe muitas e repetidas vezes a mão inerte. E, lembrando-se logo dos seus deveres de rainha e de mãe, foi ella quem saudou a nova realeza que se erguia, e ao filho que lhe beijava a mão, lançou com a benção maternal as tremulas palavras em que lhe desejava a felicidade e a força para cumprir os seus deveres de rei, como cumpria sempre os seus deveres de filho.

A scena era solemne, e tinha um imponente caracter historico. Logo em seguida os assistentes beijaram, lavados em pranto, a mão do fallecido monarcha. Era a despedida suprema e pelos rostos dos velhos, alguns dos quaes tinham combatido ainda nas luctas epicas da liberdade, corriam em fio as lagrimas ardentes. Então o cardeal patriarcha e o nuncio disseram na camara mortuaria as suas missas a que assistiram todos os que tinham seguido desde o começo aquelle drama commovente. Pelo rosto da rainha ainda nem uma lagrima deslisára. Quando vier a reacção, pode ser tremenda quando estalar em fim aquella rija tensão nervosa!... Deus proteja a santa rainha!

*

* *

O sr. ministro dos negocios estrangeiros tem recebido innumeras communicações de quasi todas as côrtes da Europa, bem como dos nossos consulados, exprimindo o profundo pezar pelo fallecimento de el-rei.

Sua magestade a rainha Victoria telegraphou repetidas vezes ao sr. ministro de Inglaterra n'esta côrte, a fim de se informar do estado de el-rei e, ao receber a triste noticia enviou um telegramma, significando quão profundamente está affectada pela morte de seu «querido sobrinho», manifestando a intenção de enviar um dos seus gentis-homens a fim de a representar na ceremonia funebre e pedindo que lhe envie as informações escriptas ácerca dos ultimos dias de el-rei.

O sr. marquez de Penafiel telegraphou de Berlim ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, participando que o regimento de el-rei se dispõe a mandar uma deputação assistir ao funeral de Sua Magestade.

De S. Petersburgo foi enviado, ao sr. ministro da Russia n'esta côrte, um telegramma, encarregando-o de ser o interprete dos sinceros pezames do imperador e do governo da Russia.

O principe Chimay telegraphou tambem ao ministro da Belgica, pedindo lhe transmittisse *les profonds regrets de seurs magestés et la vive part que prend le governement du rot a ce cruel événement.*

Em uma nota do ministro de França, Mr. Billot, lia-se alguns periodos dedicados ao fatal desenlace dos padecimentos d'el-rei, assegurando que todos os membros do governo da Republica seguiram com uma dolorosa sympathia as phases da cruel doença.

No proprio dia em que foi expedida a nota, o presidente da Republica telegraphou directamente a *el-rei D. Carlos.*

Mr. Billot felicita-se por continuarem as suas relações com o gabinete em que el-rei D. Carlos mantém a sua confiança.

O sr. Vega de Armijo telegraphou ao sr. Mendes Vigo, encarregando-o de expressar em nome de Sua Magestade e do governo o seu profundo pezar.

A rainha regente envia, para a representar na ceremonia funebre, Sua Alteza real o duque de Montpensier.

A' nota e aos telegrammas do sr. ministro dos negocios estrangeiros responderam já, além dos paizes acima citados, o Mexico, Belgica, republicas Argentina e de Guatemala, e os encarregados dos negocios de Portugal em Vienna d'Austria, Roma, Bruxellas, Haya, Tanger, Bombaim, Zanzibar, Alexândria, Berlim, Cairo e a embaixada junto ao Vaticano.

De Berlim telegraphou o sr. barão Greindi, ministro da Belgica, exprimindo o seu profundo pezame. O telegramma é assignado tambem pela sr.ª baroneza.

De Roma participou o sr. Mathias de Carvalho, nosso ministro, que Suas Altezas reaes o duque e a duqueza de Aosta deviam ter partido de Genova para Lisboa no navio de guerra *Etna.*

*

* *

Sua Magestade El-Rei D. Luiz era assignante e assiduo leitor do *Campeão das Provincias.*

*

* *

E' extraordinario o movimento que tem havido nos estabelecimentos de flores e corôas funerarias. De toda a parte e a cada instante chegam encommendas. Já estão encommendadas as seguintes:

Na casa Pexe—Corôa de violetas e flôres diversas, com a dedicatoria: *A' saudosa memoria de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I—Os officiaes honorarios da casa militar de suas magestades, tributo de eterna saudade: 19 de outubro de 1889.*

Corôa de violetas, amores perfeitos e heras com a dedicatoria: *A sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I—A casa civil de suas magestades.*

Corôas de violetas e verbena, fitas pretas: *A S. M. El-Rei D. Luiz I.—Saudosa homenagem dos particulares e reposteiros.*

Na casa Batalha—Corôa de biscnit, heras, festos, palmas e *bouquet* de rosas, com fitas largas de setim preto, offerecida pela escola pratica de viticultura de Torres Vedras.

No estabelecimento de Miguel Bravo—Corôa de violetas de Nice, saudades e lilazes, com fitas em *moiré* preto, com a dedicatoria: *A sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I, nosso bondoso amo; respeitosa homenagem de gratidão dos seus particulares Francisco Augusto Gerschey, José Luiz Rezende, José Antonio Sanches.*

No estabelecimento Corôa de Oiro—Corôa de loiro e carvalho, fita *moiré* azul e branca, com a dedicatoria: *A seu augusto protector—A Sociedade de Geographia.*

Uma outra de saudades, perpetuas e violetas, com a seguinte dedicatoria: *A Sua Magestade El-Rei—Gratidão—A Escola Academica.*

*

* *

E' difficil, pelo menos, nos reduzidos limites de um artigo commemorativo, fazer uma larga noticia dos factos que mais assignalam e abrilhantam o prospero reinado de S. M. o sr. D. Luiz I. Recordaremos, porém, que um dos primeiros actos da sua vida publica, como soberano, foi a fundação e inauguração da Escola Normal de Lisboa (1862).

N'esse mesmo dia realisou-se em Turin, por procuração, o feliz consorcio do monarcha com a sr.ª D. Maria Pia de Saboya. Foi encarregado de ir a Turin, como representante d'El-rei, o sr. marquez de Loulé, então presidente do conselho e feito duque n'essa occasião. O casamento realisou-se a 27 de setembro, effectuando-se em pessoa a 6 de outubro, sendo a regia noiva conduzida a Lisboa por uma brilhante esquadrilha.

A 28 de setembro de 1863 nasce, o herdeiro presumptivo da corôa, o principe D. Carlos, actual reinante, cujo baptisado se realisou pouco depois com grande pompa. N'esse mesmo anno effectuou-se a exposição de Braga, sendo governador civil do districto o actual conde de S. Januario. A exposição foi muito brilhante, e o Rei foi pessoalmente conferir os premios, vizitando n'essa occasião pela primeira vez as provincias do norte, que o receberam jubilosamente, no meio das mais enthusiasticas manifestações.

As primeiras reformas, que S. M. teve a gloria de firmar com a sua regia assignatura foram:—a que aboliu os vinculos (1863) e a que extinguiu o monopolio do tabaco (1864). Em 1865 foi S. M. presidir á solemne inauguração da Exposição Internacional do Porto, a primeira grande exposição portugueza. Em 1866 associou-se pessoalmente ás grandiosas manifestações realisadas na cidade invicta em homenagem a seu glorioso avô e egregio duque de Bragança, e a seu chorado irmão o sr. D. Pedro V. Em 1867 firmava os decretos abolindo a pena de morte e promulgando o codigo civil, dois factos dos mais importantos da moderna historia nacional—inaugurava o monumento publico erigido em honra do insignissimo cantor das glorias patrias o immortal Luiz de Camões. Em 1868, rebenta no Porto a *janeirinha*, que eleva ao poder o ministerio Avila, ao qual succede o ministerio Sá-Vizeu, o das *—economias.* Por essa occasião, o sr. D. Luiz I declarou desistir, juntamente com a familia real, de uma parte da lista civil a favor do thesouro.

Em 1869, assignava o celebre decreto, que o illustre marquez de Sá da Bandeira referendou, abolindo a escravidão em todos os dominios portuguezes. N'esse mesmo anno chegou a Portugal o duque de Saldanha e, depois de varios incidentes, que agitaram a opinião publica, houve o celebre caso do—*19 de maio*—e a formação do gabinete presidido pelo duque. Em 1870 presidiu á inauguração do monumento levantado em Lisboa em homenagem ao inolvidavel dador das modernas liberdades em Portugal o sr. D. Pedro IV. Em 1871 solvia-se a divida de admiração nacional para com a memoria do grande poeta Bocage. Em 1872 veio o sr. D. Luiz ao Porto, acompanhado da familia real, assistir á inauguração dos trabalhos da construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

Em 1875 prestava-se homenagem, embora mais modesta, ao famoso ministro da regencia da Terceira, o honrado e esclarecido Mousinho da Silveira. Em 1877 iniciavam-se as grandes explorações africanas, que abriram uma nova era aos destinos da nação, determinando um forte movimento patriotico no sentido do levantamento do nosso antigo e prestigioso dominio ultramarino e com ella se iniciou, por ventura, a mais brilhante phase do reinado de S. M. o sr. D. Luiz I. N'este anno o chorado e saudoso monarcha ainda vizitou o Porto, por occasião da inauguração da ponte D. Maria Pia.

Em 1878 inaugurava-se em Lisboa o monumento ao grande tribuno José Estevam. Em 1879 abria-se á exploração o caminho de ferro da Regoa, iniciavam-se os trabalhos do caminho de ferro da Beira-Alta e regressavam da sua primeira exploração africana os illustres viajantes portuguezes srs. Capello e Ivens. Em 1880 realisou-se a solemnissima commemoração do centenario de Camões, a reunião em Lisboa de um congresso litterario internacional e d'outro congresso de anthropologia. Em 1882 commemorava-se o centenario do marquez de Pombal, e vizita á cidade invicta, pela commemoração da entrada do exercito libertador. Em 1883 vizitava S. M. a côrte de Madrid, pagando assim a vizita que nos começos do anno antecedente haviam feito á côrte de Lisboa SS. MM. os reis de Hespanha. Em 1885 inaugurou o monumento ao illustre marquez de Sá da Bandeira. Em 1887 as obras do porto de Lisboa, e fez a sua demorada excursão ás provincias do norte, inaugurando tambem o caminho de ferro de Miraudella, e vizitando esta cidade, que se encheu de jubilo por receber em seu seio o excelso monarcha, a Rainha e seus filhos. Em 1888 inaugurou a Exposição Industrial Portugueza e no ultimo periodo do seu reinado teve ainda a satisfação de saber que estavam realisados outros importantes melhoramentos materiaes, de uma alta importancia para o paiz, como os caminhos de ferro de Torres, Cintra, Algarve e Cascaes. Não deve ser esquecido n'este logar o desenvolvimento dado nos ultimos annos ao engrandecimento e prosperidade dos nossos dominios ultramarinos, e construcção dos caminhos de ferro de Loanda a Ambaca e de Lourenço Marques a Pretoria, a ligação telegraphico-submarina entre as nossas colonias e a metropole, a fundação de centros de colonisação nos pontos mais apropriados da Africa Occidental, o incremento dado aos serviços de navegação entre Lisboa e os portos do ultramar, com a ligação das duas costas, etc., etc.

O reinado de S. M. o sr. D. Luiz I foi dos que mais podem felicitar e engrandecer um povo e deixa apoz si um traço luminoso que difficilmente se poderá extinguir, tão brilhante é. Os factos isolados, que acima indicámos, bastariam, por si só, para fazer a gloria de um monarcha, mas não foram só esses os resultados da obra de paz fundada, com tão entranhado zelo e com tão desvelado carinho pelo estimado e querido monarcha.

Durante o lapso de tempo decorrido desde 1861 a 1889 assignalaram ainda o reinado de S. M. o sr. D. Luiz I os seguintes factos memoraveis:—a reivindicação dos direitos de Portugal sobre Lourenço Marques e sobre a ilha de Bolama, reivindicação obtida pela arbitragem dos presidentes dos Estados Unidos e França,—a visita á côrte de Lisboa de SS. MM. os imperadores do Brazil, da rainha D. Izabel II de Hespanha, de D. Amadeu de Saboya, do rei Humberto (então principe herdeiro da corôa de Italia), dos reis de Hespanha D. Affonso XII, e D. Maria Christina, do principe de Galles, dos duques de Saxe Coburgo Gotha, da princeza imperial do Brazil e de S. A. o conde d'Eu, do principe Oscar da Suecia, do general Ullisses Grant, do famoso explorador Nordenskiold, dos illustres sabios Virchow, Schaaffhaussen, Cartailhac, Quatrefages, Capellini, Henri Martin e outros que vieram tomar parte no Congresso Anthropologico de Lisboa, de S. M. o rei Oscar da Suecia, dos condes de Paris, dos duques de Montpensier, da princeza de Joinville, da princeza Clementina de Saxe, do principe Fernando de Saxe (hoje principe da Bulgaria) e outros muitos personagens illustres,—a realisação da notavel exposição agricola de Lisboa e das exposições especiaes do Porto, Coimbra e Guimarães,—a fundação da *Associação dos Albergues Nocturnos*, ideia que S. M. realisou, com o mais decidido empenho e com o mais sollicito cuidado, conseguindo assim vincular o seu nome a mais um monumento erguido n'esta abençoada terra da patria aos principios salutares da solidariedade e da confraternidade humana, obra piedosa que nobilita a iniciativa do rei e que exalça o caracter do cidadão,—a fundação das bibliothecas populares da iniciativa do ministro de instrucção publica, o illustre escriptor o sr. D. Antonio da Costa—das *créches* da iniciativa piedosa de S. M. a rainha a senhora D. Maria Pia—das escolas industriaes da iniciativa do esclarecido ministro das obras publicas sr. A. A. de Aguiar—a reivindicação de parte dos direitos de Portugal na vasta região do Congo e alargamento da linha de fronteira da rica provincia de Angola,—a notabilissima travessia realisada no continente negro pelos heroicos e intrepidos exploradores portuguezes os srs. Brito Capello e Roberto Ivens e a estrondosa recepção que lhe fez todo o paiz e que lhe fez a Europa,—as viagens não menos notaveis e de não menos exito e alcance para os interesses da sciencia geographica e para o augmento de brilho e prestigio da nação portugueza, realisadas pelos illustres exploradores srs. Serpa Pinto e Augusto Cardoso, as mordernas e recentes reivindicações realisadas pela diplomacia protugueza com relação aos nossos dominios historicos em Africa e as convenções celebradas com a França e Allemanha sobre os limites das nossas possessões no grande continente,—as eloquentes e significativas affirmações de direito nacional tam brilhantemente assignaladas n'esse mesmo continente pelas forças portuguezas,—a conclusão das negociações para o restabelecimento dos direitos do real padroado nas Indias Orientaes e a celebração da concordata de 1886, etc.

O senhor D. Luiz era o grão-mestre de todas as ordens portuguezas, cavalleiro do Tosão de Ouro de Hespanha, da Annunciada de Italia, da Jarreteira de Inglaterra, do Santo Sepulchro, grã-cruz das tres ordens do Brazil, de Carlos III de Hespanha, dos Serafins da Suecia, da Legião de Honra da França, da Aguia Negra e da Aguia Vermelha da Prussia, de Santo Olavo da Noruega, do Leão Neerlandez, da Aguia Branca, da Estrella, de Sant'Anna, Santo André e S. Alexandre Neeusky da Russia, do Elephante Branco de Siam, do Redemptor da Grecia, da Corôa de Saxe, da Corôa da Wurtemberg, da Chrysanthema do Japão, do Merito Naval de Hespanha, de Tacove da Servia, do Sol Dourado da Birmania, de Pio IX da Santa Sé, etc., etc. Tinha e usava de preferencia as medalhas de ouro de comportamento exemplar, valor militar e bons serviços.

S. M. el-rei D. Luiz tem ineditos alguns trabalhos litterarios de valor, entre os quaes avulta a traducção do *Romeu e Julieta* de Shakspeare, continuação dos seus notaveis estudos sobre o theatro classico inglez. São preciosas, sobretudo sob o ponto de vista da fidelidade e da exactidão, as traducções feitas por S. M. do *Hamlet*, do *Othello* e do *Mercador de Veneza*.

As edições das traducções de S. M. el-rei D. Luiz datam:— *Mercador de Veneza* de 1879,—*Ricardo III* e *Hamlet* de 1880,—*Othello* de 1885. As tres primeiras sahiram da *Imprensa Nacional*, a quarta da *Imprensa Portugueza* do Porto.

Á URNA!

O nosso presado collega do *Ovarense* do dia 20, publicou o seguinte artigo:

«Ovarenses!

E' hoje que tendes de escolher o vosso representante em côrtes, durante a proxima legislatura. Sois chamados perante a urna a dar os votos da vossa confiança a um cavalheiro, que possa dignamente advogar interesses da terra, que vos foi berço, e a quem vos ligam os mais sagrados laços. Trata-se do bem geral do paiz, pela adopção de medidas, tendentes a preparar um futuro de progresso e prosperidades, e do bem especial do vosso concelho, pela parte que lhe caiba no resultado d'essas medidas, e pelo desenvolvimento que possa imprimir-lhe o poder central. Trata-se de escolher quem, pelo seu saber, collabore dignamente nas primeiras, e, pela sua competencia e valor, insista pelo segundo, chamando a attenção do governo sobre esta villa.

Não é, pois, um acto sem significação para o qual possaes olhar indifferentemente; é, pelo contrario, um dos factos mais importantes da vida constitucional dos povos, que se prende intimamente com o seu modo de ser politico e de que depende principalmente a sua felicidade futura. Não é a escolha de um procurador para um simples acto da vida particular, mas a escolha de um cidadão em quem ides delegar os vossos direitos politicos e a parte da soberania nacional, que vos compete. E' um acto tão importante, prende-se tanto com os vossos mais sagrados interesses, que a indifferença seria um crime.

Todos teem o dever de ir manifestar alli a sua opinião, escolhendo o seu representante na assembleia legislativa e o seu advogado perante o governo. Comprehendendo, pois, a importancia do mandato que ides conferir, e o pezo das responsabilidades que sobre si toma o vosso eleito, é preciso que escolhaes quem vos mereça o primeiro e quem possa arcar com o segundo. Inspirae-vos no vosso amor pela patria e pelo concelho e escolhei depois. Cotejae pelos vossos sentimentos o valor do depositario da vossa confiança. Ovarenses!

Este jornal, que se orgulha de vos ter dito sempre a verdade, póde indicar-vos o nome de um cavalheiro prestantissimo, que pelo seu saber, talento, amor por este concelho, e muita illustração, merece o vosso mandato. E' o sr. dr. José Maria Barboza de Magalhães. Ahi está um longo periodo de beneficios e serviços, em vosso bem, attestando quanto elle merece ser o vosso deputado.

A palavra fluente, a penna primorosa, o seu muito saber, a sua elevada intelligencia, o seu muito valimento, tudo tem posto ao serviço d'este concelho. E' esse, pois, e só esse o que póde merecer o vosso mandato. A felicidade da vossa terra e a gratidão ordenam-vos que voteis n'elle.

A' urna, pois, pelo sr. dr. Barboza de Magalhães!

A' urna.»

CARTA DE LISBOA

21 DE OUTUBRO DE 1889.

Sobre a agonia d'El-Rei D. Luiz escreve o *Globo* o seguinte:

«Medonho e inverosimil. Na historia dos soberanos da Europa só conhecemos, que possa comparar-se ao estertor de D. Luiz, a agonia de Luiz III, transudando sangue por todos os poros n'um despegar de tecidos que parecia interminavel, e a de Filippe II mutilado pelo bisturi, hora a hora, para que a gaugrena implacavel e renascente lhe não apodrecesse a vida. Simplesmente horrivel.»

— O centro regenerador do Porto telegraphou a el-rei D. Carlos pedindo-lhe que garantisse o acto eleitoral, fazendo respeitar os direitos da opposição. Censura-se a inopportunidade d'esta sollicitação derespeitosa. Até onde chega a insania dos partidos.

— O Tribunal da Relação, em sessão de 19 annullou o despacho do juiz da 1.ª instancia, o sr. dr. Andrade Rebello, n'este processo. Recapitulo a historia d'elle:

O juiz de 1.ª instancia sr. Tavares mandou reduzir a auto de querella a petição do ministerio publico, e quando o processo lhe foi concluso disse no seu despacho que o corpo de delicto não estava completo, por faltarem muitas diligencias que especificou em seu despacho. E por fim concluiu mandando archivar o processo por falta de corpo de delicto. Subindo o processo em recurso á Relação proferiu este accordão em que declarou illegal a parte do despacho do juiz que não recebia a querella porque desde que a tinha mandado reduzir a auto estava por sua natureza recebida e tomada, e mandou que se fizessem as diligencias que o proprio juiz apontava, seguindo depois o processo os seus termos. Voltando o processo á primeira instancia, o juiz Andrade Rebello procedeu a summario e não cumpriu o mais que o accordão da Relação mandava, encerrando o summario, sem pronunciar ninguem. Subiu novamente o processo em recurso á Relação, e esta (*é o accordão de ante-hontem*) annullou este despacho, frizando que na 1.ª instancia se não tinha cumprido o 1.º accordão, porque não se praticaram as diligencias alli ordenadas, mandando portanto cumprir esse accordão, isto é, insistindo em que se façam as diligencias que desde o principio se reconheceu serem essenciaes e indispensaveis, para a descoberta do criminoso ou criminosos».

— A ama que ha de crear o novo filho da Rainha D. Amelia, chama-se Maria dos Anjos, conta 21 annos de edade e é notural de S. João da Pesqueira. Pertence a uma familia de lavradores, que vivem na mediania.

Y.

CARTA DE FOZCOA

21 DE OUTUBRO DE 1889.

Damos hoje treguas á politica para nos occuparmos d'um acontecimento que enlutou a casa de Bragança e todo o povo portuguez.

Acaba de resvalar para o tumulo o cadaver enregelado d'um ente a quem o paiz e todos os partidos politicos prestam homenagem, como modelo dos reis constitucionaes, como principe illustrado, popular e sinceramente amado do seu povo que o estremecia. Coração sensivel e sempre aberto ás expansões d'uma bondade illimitada, D. Luiz partiu d'este mundo no meio das benções de milhares d'infelizes a quem a sua mão protectora constantemente beneficiava e das orações fervorosas de muitos protegidos e amigos a quem concedia torrentes salutares de um beneficio espontaneo e duradouro.

A sua vida foi sempre preoccupada com a ideia da beneficencia. Como chefe da nação, El-Rei não apresenta particularidade que empane o brilho das joias da corôa. Como homem, foi sempre para elle fortuna o encher o mundo com as inscripções aurifulgentes de emprezas humanitarias e elementes, descendo repetidas vezes os degraus alcatifados do solio, para vir entregar as lagrimas dos afflictos, ou mitigar as fatalidades d'uma desventura. Morreu com 51 annos d'edade e 28 de reinado. O paiz inteiro lamenta a sua perda e nós, como portuguezes e admiradores das virtudes do illustre e regio extincto, compartilhâmos da dôr que n'este momento mortifica a familia real e a nação portugueza. Paz á sua alma no seio de Deus.

— Na proxima carta daremos conta do resultado das eleições.

— Abriu-se hoje o apeadeiro de Castello Melhor, situado entre as estações d'Almendra e Côa.

— Já regressou o meritissimo delegado effectivo sr. José Maria de Figueiredo.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

A MATURAÇÃO DA UVA

Os annaes viticolas não hão de mencionar aos vindouros o anno de 1889, como celebre na producção de uma novidade abundante ou de qualidade distincta.

Por um lado, a phylloxera vae devastando as vinhas com uma rapidez que ninguem podia esperar, sem respeitar valles ou encostas, vinhas novas ou velhas, bem ou mal grangeadas; por outro, as condições atmosphericas, prejudicando a uva logo á nascença, e mais tarde da floração até á maturação, não conservaram a menor regularidade nos periodos mais criticos da vegetação, nem communicaram ás cepas o calor annual indispensavel para a perfeita maturação do fructo; finalmente, esta mesma irregularidade das estações, que desfavorece a quantidade e a qualidade de uma colheita, tanto como a constituição do terreno ou a natureza da casta, determinou uma invasão extraordinaria das doenças cryptogamicas (oidium, anthracnose, mildiú e outros estados morbidos mal definidos), com a qual as vinhas ficaram muito damnificadas e a qualidade do vinho ha de forçosamente resentir-se.

Raras vezes um anno se terá apresentado tão contrario á vegetação e producção da vinha. Teremos, pois, fracas vindimas e serodias; e talvez que, nem vindimando tarde, as uvas recebam, n'algumas regiões, o calor necessario para se completarem, e a [illegible] com a maturação dos cachos.

No desenvolvimento do fructo da vinha ha dois periodos differentes; aquelle em que os bagos crescem e conservam a côr verde; e aquelle em que vae perdendo esta côr para ser substituida pela materia curante.

No primeiro periodo, os cachos, como não têem o preciso para se alimentarem, recebem das folhas a nutrição que lhes falta; no segundo, quando, começam a pintar, cada bago consome, transforma e preparaos materiaes até ahi accumulados.

E' nas folhas que se elabora a maior parte do amido, que se transforma em assucar antes de chegar aos cachos; mas durante o periodo do crescimento da planta, quasi todo este assucar é gasto nas varas e nas partes verdes, chegando ao cacho apenas os residuos acidos ou adstringentes.

O contrario succede logo que o bago começa a pintar; o assucar proveniente das folhas, não sendo então utilisado no crescimento das varas, vae quasi todo para os cachos.

Por aqui se vê qual a importancia das folhas na preparação dos elementos constituintes do vingo.

Quando as cepas perdem as folhas antes da maturação ter attingigo um *certo* grau de adiantamento, as uvas ficam pobres de assucar, o vinho que d'ellas resulta sae fraco, com pouco corpo e sobretudo com baixa graduação alcoolica.

Estes são os effeitos principaes do mildiú, sob cuja acção as vinhas perdem a sua folhagem, justamente no periodo em que os seus orgãos de respiração mais falta fazem á preparação dos mostos nos cachos, além dos prejuizos causados á planta por não ficar com as reservas necessarias á vegetação do anno futuro.

Pela mesma ordem de razões se vê que a *desfolha* das vinhas, quando seja precisa, só deve effectuar-se em época de franca maturação, para a regularisar e apressar com a acção directa da luz e do calor mais intenso sobre os cachos.

Dizemos—quando seja precisa—porque esta operação, longe de ser conveniente, é em muitos casos prejudicial. Nos sitios quentes e nas vinhas de encosta, bem expostas ao meio dia, quando as cepas não desenvolvem grande força de vegetação e ampla cobertura de folhagem, a *esparra* seria desastrosa, porque as uvas, expostas aos raios directos do sol, queimar-se-hiam irremediavelmente. Em vez de uma operação vantajosa, a *desfolha* seria um prejuizo para a colheita.

N'algumas localidades vão-se tirando as folhas a pouco e pouco para que as uvas não sejam queimadas na passagem subita da sombra para a completa exposição ao sol, e usam muitos supprimir sómente os limbos das folhas, deixando nas varas os respectivos pés ou peciolos, para que os cachos possam absorver ainda alguns elementos n'elles accumulados, mas em todo o caso é necessario toda a prudencia. Nós só aconselhamos a *esparra* em annos humidos e nas terras baixas, em que a maturação se faz irregular e incompletamente, supprimindo as folhas que ficam abaixo das uvas, para que os raios solares cheguem ao fructo reflectidos pelo solo, a circulação do ar se faça livremente e a evaporação da humidade do terreno se effectue com facilidade.

A *esparra* das folhas collocadas por baixo das uvas tem ainda a vantagem de dar mostos mais saccharinos, porque as folhas da extremidade das varas são mais ricas em assucar e sempre vão transmittindo alimento ao fructo. As folhas dos sarmentos estereis é que pódem ser supprimidas sem inconveniente.

A época da vindima deve ser subordinada ao periodo de maturação da uva, e este regula-se pela quantidade de calor que começaram a vegetar.

Cada cepa tem o seu periodo de maturação, porque cada uma exige uma quantidade certa e invariavel de graus de calor para que os fructos cheguem a amadurecer. No nosso paiz não se tem feito estes eotudos, mas nos paizes onde a viticultura está mais adiantada, as observações meteorologicas dizem precisamente qual a quantidade de calor de que cada variedade precisa para a completa maturação do seu fructo, dispondo-se as que carecem do mesmo numero de graus em talhões separados para que as vindimas se façam com facilidade.

Os ensaios gleucometricos por tentativas, até que em duas verificações seguidas o gleucometro marque o mesmo numero de graus, são um meio de prova para se conhecer se a maturação está completa, quando o viticultor não está habilitado, com as observações meteorologicas, para saber se a uva tem recebido a quantidade total do calor que lhe é necessaria.

E' certo que ha umas pequenas correcções a fazer, pois a edade da planta, a humidade do terreno, o systema de cultura e as doenças pódem adiantar ou retardar a maturação, mas estas influencias alteram bem pouco o resultado das observações meteorologicas. Em França, diz-se, em consequencia d'estas observações repetidas, que os annos de bom vinho são aquelles em que a temperatura média dos quatro mezes quentes (junho, julho, agosto e setembro) é superior á normal, e a quantidade de chuva um pouco inferior; e annos de mau vinho aquelles em que se dá a inversa,—temperatura média dos quatro mezes quentes inferior á normal e quantidade de chuva superior; e annos de colheita abundante aquelles em que a temperatura é bastante elevada no primeiro periodo da vegetação e na floração, com uma quantidade de chuva egual ou um pouco superior á normal,—não contando, é claro, com os accidentes e doenças, que alteram o resultado d'estas previsões, que se não affastam muito das observações feitas pelos praticos do nosso paiz.

A muitos tem causado espanto como é que nos mercados francezes apparecem, logo na primeira quinzena de setembro e até no fim de agosto, não só amostras da colheita de Hespanha, Italia e Hungria, mas ainda partidas, posto que pequenas, de vinhos novos ainda em mosto, que são muito apreciados e pagos por preços elevados para refrescar e avigorar vinhos mais antigos. E' facil chegar a este resultado apressando a maturação das uvas, pelo seguinte modo: com uma thesoura fina de pontas redondas supprimem-se em cada cacho os bagos mal desenvolvidos ou muito apertados uns contra os outros, logo que tenham attingido pouco mais ou menos um terço do seu volume normal; quando os cachos são grandes, o que é frequente nas vinhas novas e vigorosas, cortam-se a dois ou tres centimetros pela extremidade inferior, e supprimem-se mesmo os que são menos bem desenvolvidos quando a vara está muito carregada de fructo.

Com esta operação, effectuada n'algumas cepas bem expostas, e completada com a *desfolha*, em tempo competente e feita com prudencia, póde-se antecipar a vindima, quinze dias pelo menos, e obter uvas maduras para preparar as amostras a que acima nos referimos.

Este expediente tem uma certa importancia commercial, porque os compradores, que tiverem conhecimento da qualidade da colheita antes de resolverem emprehender as suas transacções em determinado paiz, podem, depois de examinarem as amostras, dirigir as suas vistas para o paiz ou região que lhes dá, muito a tempo, garantias seguras de bom exito das suas operações:

A. e B.

SECÇÃO LITTERARIA

O CERCO DO PORTO

Havia tres dias que o marechal Solignac desembarcara no Porto com alguns soldados belgas, e com elles entrou tambem para dentro do cêrco um terrivel inimigo—o cholera-morbus. Aos tifos, que já devastavam a cidade veiu ajuntar-se mais essa desolação para tornar mais completo o triumvirato da morte. De cem pessoas atacadas diariamente succumbia o terço. A fome ia chegando ao desespero, porque além das forças inimigas, desde janeiro que os vendavaes bloqueavam a barra. A' falta de carne os doentes eram sustentados a sôpa de bacalhau, os caldos temperavam-se com assucar e aguardente; as camas eram desfeitas para sustentarem a cavallaria; e além dos preços dos generos mais urgentes os mercieiros vendiam falsificações doentias taes como de azeite e oleo de linhaça, ou de manteiga e cebo. Era preciso luctar com a fome, e em fevereiro começou a distribuir-se uma sôpa economica, de um quartilho de caldo de feijão com arroz e farinha de trigo; no primeiro dia accudiram trezentas pessoas, ao segundo subiram já a setecentas as rações. Emfim, desde a perda do reducto do Monte do Crato, que Solignac apenas conservou oito horas, as condições de resistencia da cidade tornaram-se desesperadas; derrotado tambem na sua tentativa de assalto ao Castello de Queijo, em 24 de janeiro, a consequencia desastrosa fez-se logo sentir; o inimigo comprehendeu que fechando a barra do Porto venceria o cêrco pela fome. Para isso fortificou quasi toda a costa e levantou a terrivel bateria de Serralves, que cortava toda a communicação com a Foz. Pelo seu lado os liberaes reforçaram o reducto da Senhora da Luz occuparam immediatamente as alturas do Pastelleiro e do Pinhal. Mas a resistencia ia-se tornando cada vez mais inutil, porque além da chuva de granadas que cahia dia e noite sobre a cidade, além da recrudescencia do cholera, para o qual já não bastava o hospital da quinta dos Congregados, o mar conservava-se tão tempestuoso que não era possivel apparecer véla alguma no horisonte! Foram quarente dias sem esperança, quarenta dias em que esteve tudo perdido, menos a força moral.

A historia official, subordinada á exacção dos boletins de campanha, não allude a este periodo dos quarenta dias do principio do anno de 1833, e comtudo n'esse periodo de desolação extrema é que se praticaram os maiores rasgos de validez moral: todos foram heroes, as mulheres e os velhos. E' pena, que homens do talento de Garret e de Herculano, e mesmo generaes que sabiam trocar a espada pela penna e que foram heroes n'esses grandes dias de sacrificio, nunca se lembrassem de colligir as sublimes tradições epicas que ainda casualmente se repetem do cerco do Porto. Essas tradições vão-se perdendo com toda a poesia de um povo que se esquece do seu passado. Contaremos um d'esses explendidos episodios desconhecidos dos historiadores, mas conservados ainda na vida burgueza do Porto; pinta-nos o espirito de resistencia com que a cidade se achava n'esses quarenta dias decisivos.

A 4 de março as trppas de D. Miguel foram atacar as posições dos liberaes na Foz, seguros de que era já impossivel sustental-as mais tempo; no meio da sua hallucinação os atacados tomaram a offensiva, e os rebeldes retiraram-se deixando duzentos mortos no campo. D. Pedro, que gastava os seus esforços em conciliar os generaes despeitados, apparecia sempre em todos os momentos de conflicto. Era junto dos soldados, ao pé dos voluntarios burguezes, que elle readquiria confiança, e se mostrava alegre, presentindo o triumpho da causa da liberdade. D. Pedro appareceu na bateria da Luz; foi ahi que se lhe tornou reparavel um velho que elle encontrava sempre vagabundo pelas linhas, nos pontos em que eram mais renhidos os ataques. Notou que o velho andava desarmado, e observando diligentemente, não pôde deixar de dirigir-se ao velho com um interesse e familiaridade em parte provocada pelo aspecto venerando e cheio de auctoridade:

— Amigo! que faz você por aqui?

— Senhor, tenho aqui nas linhas um filho.

— Bem; então ande por ahi á vontade se não tem medo das balas.

— Medo das balas? Isso são confeitos de noivado. Não tivesse eu cá os meus setenta e quatro, que outro gallo cantaria.

— O seu filho, vê-o d'ahi?

— Por ora ainda o vejo. Não estou aqui por ter medo de perdel-o, é para ir socegar as mulheres, as irmãs, que sempre estão com algum cuidado. Querem saber alguma cousa das linhas.

Este dialogo foi interrompido por um toque de carga á baioneta; póde-se imaginar quem trouxe para a cidade a noticia do triumpho. Chegou o terrivel dia 24 de maio; estava acabado de construir o reducto das Antas, guardado apenas por trinta soldados de caçadores 5. N'isto as tropas inimigas, em numero de dois mil homens, tomaram o reducto das Antas! Era preciso desapossal-os, a todo o transe, e de facto não poderam conservar o reducto além das tres horas da tarde d'esse dia. Infanteria trez, nove e dez, quarenta lanceiros, e um batalhão inglez cumpriram o seu dever; foi uma refrega atroz. O monte das Antas ficou juncado de cadaveres; mais adiante na Casa Negra era ainda maior a carnificina. Foi no combate da retomada das Antas que D. Pedro tornou a encontrar o velho burguez; já lhe haviam dito como se chamado. Era o contraste do ouro, o typo do antigo homem bom, chão e abonado, como o caracterisa a Ordenação do reino; chamava-se Cosme Martins. Assim que D. Pedro deu por elle no tropel, destacou-se dos officiaes e veiu fallar-lhe:

— Outra vez por aqui com este fogo?

— Tenho cá um outro filho.

— Um outro filho? Como se chamam os rapazes?

— Na bateria da Luz é o meu Eduardo, tem dezenove annos feitos.

— Póde com a espingarda. E o outro?

— Está aqui nas Antas; é o meu Thomaz, já formado em leis.

Em meio da conversa D. Pedro foi interrompido por uma d'estas circumstancias que se dão em todo o campo de batalha; vieram contar-lhe como se achara uma carta na algibeira de um morto por onde se sabia que era o maior dos Realengos de Trancoso.

Não se tornaram mais a vêr.

A sete de abril descobriu-se a longa estacada feita pelos migueis desde as primeiras casas de Paranhos até á Eira do Covêlo. Queriam fortificar-se alli; não havia tempo a perder; era preciso desalojal-os. A artilheria dos liberaes começou a responder desde as nove da manhã, e durou o fogo até ás seis da tarde. Cruzaram-se as baterias da Gloria, do Pico das Medalhas, do Serio, da Aguardente e de S. Braz. Uma força de mil homens saiu fóra das linhas para tomar de assalto o monte do Covêlo, que os inimigos abandonaram. Porém no dia 10 os migueis voltaram com intuito de retomar os pontos perdidos, onde os liberaes tinham levantado um reducto em menos de oito horas. Estavam lá dentro apenas duzentos soldados; foram atacados por mais de dois mil dos rebeldes, que chegaram até dez passos de distancia. No meio do fogo quasi á queima-roupa, jogavam-se os insultos que tornavam mais violento o ataque; perguntavam-lhes se traziam os saccos para fazerem a pilhagem da cidade. Foram momentos decisivos; duzentos homens livres poderam esmagar dois mil janizaros.

No meio d'esse implacavel desbarato, andava D. Pedro, e quando tornou a avistar o velho, que estava envolvido em um antigo capote de camelão, sorriu-se para elle como quem o tomava já como um presagio de felicidade. E, emquanto se tocava a reunir, D. Pedro foi para elle, esfregando as mãos:

— Olá, bom homem.

— Senhor D. Pedro. Elles hoje é que pagaram o vinho.

— E bem pago. Então você tem por cá mais algum filho?

O velho não pôde deixar de sorrir-se com a pergunta maliciosa, e respondeu com uma serenidade:

— Tenho aqui mais outro filho.

— Outro filho, homem! De dous sei eu.

— Este é o que me ajuda no officio; ficou de hontem para hoje no reducto do Covêlo, e já sei que está são como um pêro...

— Parabens, amigo, parabens. Com que então, na bateria da Luz, um; no reducto do Monte das Antas, outro; no Covêlo...

— E' o meu filho Cosme.

— Ainda tem mais algum?

O velho sorriu-se, como quem buscara atenuar uma frase que póde ser tomada como expressão de vaidade:

— Não queria fallar do outro filho que tenho na bateria do Pico das Medalhas, antes de me encontrar alli com Vossa Magestade.

— Oh homem! Outro filho?

— E mais que tivesse; esse é o meu Fortunato; e quando não está no fogo da bateria, fica de semana em serviço medico no Hospital dos Chotericos de S. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro emmudeceu diante da revelação casual de um tão completo sacrificio. Abraçou o velho, porque não poude articular palavra e os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas. Aquella natureza egoista, como a de todos los principes, insensivel á dedicação como o revela a demissão do grande Mousinho da Silveira, foi uma vez tocada pela realidade das cousas. As palavras desinteressadas d'aquelle velho revelaram-lhe que se elle sabia sacrificar-se por uma filha, ninguem, em uma cidade sem muros, cercada por mais de oitenta mil inimigos, dizimada pela peste, apertada pela fome, ameaçada pelo saque, ninguem poupava o seu sangue, porque todos queriam converter a liberdade em direito. O sacrificio de um pae ficava supplantado *pelo sacrificio a uma geração* inteira. Que bella gente essa, bem digna de fundar para si uma Republica, sem os sofismas de uma carta outorgada!

Theophilo Braga.

O VAGABUNDO

She was born to be fair; Ito die for her lovo,

. . . .

Ella nasceu para matar d'encantos,
Eu para, amando-a em vão, morrer d'amores.

Shakspeare.

Era bello aquelle rapazinho, mesmo assim esfarrapado, e com os cabellos castanhos soltos ao vento. Mostrava intelligencia a sua ampla fronte crestada do sol, e nos grandes olhos negros adivinhava-se uma expressão meiga e ao mesmo tempo melancolica, que mais fazia realçar aquelle typo um pouco original de gavroche. Não conhecera pae nem mãe, desde tempos de que nem já se lembrava, que abandonado a si proprio, nunca lhe viera á ideia se teria familia. Comtudo, sentia em volta de si um vacuo, uma falta, que não podia explicar, e mais d'uma vez, sentado altas horas da noite n'um canto d'alguma rua escura onde a policia não o podesse descobrir, chorou amargamente a solidão em que se via. Occultava-se uma grande alma debaixo d'aquelles andrajos; muitas vezes nos enganamos pelas apparencias, e é nos seres mais infimos, ou que consideramos taes, que ás vezes se abriga o verdadeiro sentimento. Ora, um dia em que o *Catraio*, unico nome porque era conhecido, estava parado n'um passeio, defronte d'uma vitrine, aconteceu passar um homem que, por que fosse com pressa, lhe deu um encontrão que o botou do passeio abaixo. Tinha chovido copiosamente de madrugada, e a rua, transformada n'um enorme lodaçal, tinha de onde a onde grandes poças que ainda não haviam enxugado; cahiu n'uma d'ellas o pobre rapaz, mas em tão má hora foi, que dando com a cabeça n'uma pedra, perdeu os sentidos. Abriu-se quasi logo a porta d'uma casa fronteira, d'onde tinham presenciado o facto, e um creado, tomando-o nos braços, levou-o para um confortavel quarto, onde depois de lhe vestirem uma outra roupa, lhe deram alguns cordeaes para o reanimarem. Quando voltou a si, viu junto ao colchão em que o tinham deitado uma linda menina, que teria treze annos, quando muito, e que com uma das pequenas mãos pousada sobre a testa d'elle, lhe limpava com um lenço o rosto sujo de lama. Logo que ella o viu abrir os olhos voltou-se para o lado, e disse com uma voz argentina e alegre:

— Mamã, mamã, já voltou a si, venha ver; olhe, já abriu os olhos, coitadinho!

O rapazinho estava maravilhado, elle, um vagabundo, a quem todos tractavam como um cão, ou peior ainda, ser tratado com tanto carinho por aquella menina que nunca tinha visto, e de quem não podia esperar a mais leve attenção!

E o pobresinho, quasi que sem poder conceber aquelle acto de caridade, não despregava os olhos d'aquelle anjo, que d'alli por diante tinha de influir tão poderosamente na sua vida. D'ahi a pouco, depois de lhe terem dado um bom almoço a que elle, que desde a vespera não tinha comido, soube fazer as honras, mandaram-n'o embora; e elle, confuso, envergonhado, não podia articular uma palavra de reconhecimento, não se animando até a olhar para as suas generosas bemfeitoras. Chegado á rua, deitou a correr na direcção do caes, para um esconderijo no meio de alguns barcos escangalhados, onde elle habitualmente passava, as noites. Precisava de pensar, de concentrar as suas ideias sobre o que lhe tinha acontecido aquella manhã.

Tudo lhe parecia um sonho; para aquella alma, sedenta de carinhos, era extraordinario a acção de humanidade de que tinha sido objecto. Mas o que mais o preoccupava, era a lembrança d'aquella menina, que não lhe sahia da imaginação. Por muitos mezes que não sahiu das proximidades da casa em que ella morava, esperando ancioso a occasião em que ella, acompanhada da creada, ia com um irmãosito dar um passeio até ao jardim. O que elle, sobretudo evitava, era que ella o visse; tinha receio, nem sabia de quê; ainda não tinha suspeitado, elle proprio, que essa flôr mimosa a que chamam:—amor—, já a fatalidade lh'a tinha feito desabrochar no coração.

Uma vez, porém, no dobrar uma esquina, collocou-se o acaso um em frente do outro, e ella que o reconheceu, sorriu-lhe ao passar, mettendo-lhe na mão uma pequena moeda.

Elle córou; sentiu que o coração lhe pulsava mais que o costume, e pela primeira vez pareceu comprehender o sentimento de que estava possuido por aquella menina. Foi desde então que começou o seu soffrimento, a agonia intima, em que travadas em lucta titanica a rasão e o amor, sahia este sempre victorioso. Bem sabia elle que não podia esperar; ao infeliz, pária da sociedade, só se abriam dois caminhos: abandonar para sempre as suas loucas illusões, ou despenhar-se então no abysmo profundo d'aquelle amor impossivel. Para seguir o primeiro era demasiado tarde; já não se sentia o pobre rapaz com energia bastante para retroceder; mas para seguir o segundo?... Amar, é viver; e o objectivo supremo do nosso pensamento; o anhelo intimo das nossas aspirações; amar, é sentir ameigar-nos a face a brisa suave que á hora poetica do crepusculo suspira por entre as ramarias; é beber as purissimas gotas d'orvalho que o arrebol da maghã depõe no calice das rosas; é a estrella luminosa que brilha no horisonte da nossa vida, por mais escuro que seja, o ideal querido que nos inspira as mais formosas estrophes. Doloroso é o amar em silencio—agonia crudelissima que nos devora—, mais doloroso ainda o amar sem esperança—inferno vivo que nos mata. O amor sem esperança, é como um naufragio na vida; similhante ao enterramento nas arcas movediças, sentimo-nos morrer, sem que nos possamos salvar; mas é uma morte lenta essa, em que temos a consciencia da nossa situação, em que sabemos que um esforço supremo bastaria para nos arrancar ao martyrio, e todavia não temos a coragem de o chamar em nosso auxilio, só porque julgamos a queda inevitavel! Amar sem esperança, é a descrença de tudo e de todos, quem sabe, até de Deus; é a eterna duvida, tão terrivel nos seus effeitos, que nos conduz ao abysmo insondavel do septicismo! E é exactamente quando mais soffremos, que devemos collocar a mascara: é preciso que quanto mais cruciante é a dor, mais alegres nos mostremos; é necessario que quando por dentro corram lagrimas de sangue, se não deixem por fóra entrever senão graças e risos. Não podia o *Catraio* seguir esta doutrina; nem mesmo pensára n'ella; o seu coração, ermo d'affectos, entregava-se sem reserva ao traidor sorvedouro que lh'o queria tragar.

Depois do dia em que a tinha encontrado á esquina, perdida já a pri-

meira timidez, ia postar-se no caminho por onde ella tinha de passar, e uma vez, ao ir alli deixar-lhe a costumada esmola, teve, n'um subito accesso de delirio, a ousadia de lhe imprimir na mão que ella estendera, um beijo prolongado e tremente. Não se mostrou a menina offendida; fitou-lhe por algum tempo os olhos humidos e esbrazeados, e depois deixando assumir ao rosto uma expressão repentina de tristeza; foi reunir-se á creada que já ia a alguns passos adeante.

Adivinharia a verdade? Talvez; a mulher tem intuições admiraveis que não podemos penetrar.

Passaram-se alguns mezes; o *Catraio* definhava-se a olhos vistos; iam-lhe faltando as forças, e de tempos a tempos atacava-o uma tosse convulsa, que o extenuava. Uma manhã, ao querer levantar-se do logar em que havia dormido, deu-lhe uma vertigem que lhe durou alguns minutos; o pobre rapaz sentia-se morrer. A unica ideia que o alcançava era a de não tornar a vêr o seu *bom anjo*, como elle lhe chamava. Depois, com uma grande força de vontade, conseguiu arrastar-se com immensa difficuldade até á porta que ao abrir-se-lhe uma vez, lhe tinha dado o desassocego e a desdita; mas apenas lá chegado, desmaiou novamente. Passada uma hora, indo menina sahir, e vendo-o inanimado, virou-se para a aia e ordenou-lhe que fosse chamar o creado; emquanto esperava, foi elle recuperando os sentidos; eram os ultimos lampejos de vida que lhe davam ainda tempo para se despedir do mundo; vendo junto a si aquella que mais desejava, sorriu-se satisfeito. Pareceu querer fallsr; ella então inclinou-se até lhe encostar o ouvido á bocca, e elle em voz já sumida, murmurou apenas:—Amo-a...

Ella estremeceu; ao voltar a cabeça, para se erguer, encontraram-se os labios d'um e d'outro... e emquanto ella, toda tremula, derramava ardentes lagrimas de compaixão e, quem sabe? d'amor tambem, exalava elle o ultimo suspiro, radiante de jubilo, apesar do alto preço porque assim conseguira comprar as primicias d'uma paixão desgraçada. Hoje, a menina d'outros tempos, é uma senhora que, pela alta posição que o marido occupa, é por todos bemquista e respeitada, mas nem por isso a singela campa do vagabundo deixa de ter sempre viçosas flôres, que ella por sua mão, e ás occultas, lá vae depôr com lagrimas de saudade.

F. Alexandre F. Ribeiro.

A CARIDADE

Reina a miseria com todo o seu poderio infrene sobre a humanidade afflicta, depauperada e desprotegida; distende-se por sobre o misero albergue do indigente o negro tôldo da desolução e horror; lucta com a fome e a dôr, sobre as palhas d'uma velha e rôta enxerga, o desgraçado enfermo, cujo contristador aspecto, a opulencia não vê; pedem, inutilmente pão esfomeadas creanças, em cujos esqueleticos semblantes se manifesta a mais desoladora miseria, e o mundo volta as costas a esse doloroso quadro, que não quer contemplar, e ensurdece-se aos lamentos das victimas que não quer ouvir.

Transpõe, alfim, os hombraes da humilde porta uma candida virgem; alvas como o cysne, são as graciosas e ligeiras vestes, e singela grinalda de rosas lhe enflora a nivea e esbelta fronte. Entrando, com passo firme e donairoso porte, transforma em um momento o lugubre aspecto d'aquella estancia de dores: ministra, carinhosa, pão ao faminto, remedio ao enfermo, consolação ao affiicto, inspira confiança, e fé ao descrente, e a todos aponta o Ceu, como termo do soffrimento.

Este anjo, ou fada, que a todos dispensa um sorriso, que estreita nos candidos braços a infancia desvalida, e estende bem-fazeja mão á decrepitude enferma, chama-se—Caridade.—E' filha predilecta de Deus, e por elle mandada, como o maná d'outr'ora, para enxugar amargas lagrimas, suavisar cruentas dores, soccorrer os infelizes da sorte, e diffundir, como o sol benefico, por toda a terra, os seus preciosos e apreciabilissimos dons.

Da choupana do pobre dirige-se ao palacio do rico, inspira-lhe o amor fraternal pela classe indigente, e obtem obulo bastante para soccorro dos infelizes. Asylos, hospitaes, associações de beneficencia, e tudo aquillo em que a humanidade encontra abrigo, tudo proclama da maneira mais solemne, a influencia bemdita d'esse anjo tutelar.

Caridade, rainha excelsa das virtudes, tu, desconhecendo interesses, despresando obstaculos e lisonjas, e só com a mira no Céo, d'onde dimanas, a todo o mundo, sem distincções, acolhes solicita, sob as amplas pregas do teu manto salvador. Que seria da humanidade enferma, se tu lhe não prodigalisasses os teus innumeraveis desvelos? Coroada com o diadema augusto de rainha das virtudes, será o teu nome immortal, santa caridade, eternamente proclamado, e eternamente bemdito.

Rodrigues Coutinho.

SOPHIA

Sophia era uma rapariga de vinte annos approximadamente, de uma elegancia e correcção de fórmas irreprehensivel, os seus longos e formosos cabellos eram da côr do ebano, e a sua têz um tanto morena; os olhos, não muito grandes, de uma expressão vivissima, a bocca um botão de rosa ao desabroxar, cujo perfume enebriava a alma, e cujo sorriso provocava o delyrio de mil beijos sedentos.

No seu intimo abrigava-se uma pureza de sentimentos sem limite e um coração de anjo. Se o Eterno houvesse chegado á perfectibilidade do genero humano, dir-se-hia que Sophia era o seu primeiro modelo.

Amava, porque sem amor a vida seria o mais esteril areal dos desertos do Sahara. Amava em extremo, e esse amor era retribuido com usura por Alberto.

Mil vezes haviam jurado um ao outro o mais santo affecto.

Um dia, porém, a terrivel vibora, o ciume, depoz a sua venenosa baba sobre aquelle conjuncto de amor e felicidade; d'aqui a discordia, o amor proprio offendido, a separação d'aquelles dois amantes.

Elle partiu com o coração esphacelado pela saudade, e talvez pelo remorso do mal causado inconscientemente, e ella, entregue á sua pungente dôr e á offensa ao seu amor proprio, esteve prestes a succumbir.

Emquanto aquella pobre menina vertia copioso pranto pelo homem que julgava perdido, e que tanto amava ainda, elle buscava incessantemente a morte, para esquecimento do passado tão feliz, transformado, n'um momento de loucura, n'um futuro de soffrimento e de saudade.

N'uma noite tenebrosa de inverno, apoz uma longa vigilia, o pobre Alberto adormeceu, mas os seus sonhos, terriveis pesadelos, mil visões horrorosas o assaltavam, a febre, o delirio, succediam-se com uma rapidez pasmosa. Viu então illuminar-se a sua alcova por um clarão sinistro, miriades de demonios disputavam entre si a posse do seu corpo, as garras aduncas de todos elles lhe dilaceravam as carnes já gotejantes, estava prestes a ser arrebatado por aquella *troupe* infernal quando se projectou na parede como que uma nuvem de prata d'onde se destacou um vulto branco como um floco de neve.

Era uma mulher celestial, um genio bom, a cuja apparição os seres do Averno se evaporaram como o fumo; essa visão era Sophia.

Os seus labios entreabriram-se e a sua maviosa voz soltou um cantico de cherubins.

Depois, pouco a pouco, a visão foi-se dissipando, o somno de Alberto tornou-se socegado.

Ao despertar viu junto do leito ajoelhada e contemplando a sua physionomia transtornada pelo prolongado soffrimento, aquella que tanto amava. Estendeu para ella os braços ainda suppondo ser tudo uma mystificação, um sonho, mas era já a realidade. Soto religioso das cousas santas, o ideal divino; e o mundo, se não está completamente bom, está muito melhor do que ha vinte annos ainda, quando se debatia nas ondas da duvida, nos paroxismos da morte moral, encontrando por toda o parte as cinzas das crenças mais augustas e mais fecundas do espirito humano.

Os esforços de todas as intelligencias tendem ao mesmo fim, todas as grandes vontades abraçam o mesmo principio: sejamos bons, sejamos homens, sejamos verdadeiros!

O mal não é mais do que uma vaidade; tenhamos o orgulho do bem, e sobretudo não desesperemos.

Não vamos desprezar a mulher, porque não é nem mãe, nem irmã, nem filha, nem esposa. Não reduzamos a estima á familia, a indulgencia ao egoismo. Se o ceu se alegra mais com o arrependimento d'um peccador do que com a virtude de cem justos, que nunca peccaram, procuremos dar essa alegria ineffavel ao ceu. Elle póde recompensar-nos infinitamente. Deixemos sobre o nosso caminho a esmola do nosso perdão áquelles que os desejos terrenos perderam nas miragens da felicidade; e esperemos que a bondade divina os salve com os immensos thesouros da sua misericordia.

Deve parecer estranha a tentativa de querer levantar estas grandes verdades da peanha de tão restricto assumpto, como é realmente o thema d'este livro; mas eu pertenço ao numero d'aquelles, que pensam que tudo está em pouco. A creança é pequena e encerra o homem, o cerebro é estreito e abriga o pensamento, a pupilla é um ponto e abrange a immensidade.

IV

Dois dias depois, a venda tinha terminado completnmente. Produzira quarenta contos de reis.

Os credores partilharam as duas terças, e a familia, composta d'uma irmã e d'um sobrinho, herdou o resto.

A irmã da finada Margarida abriu grandes olhos de espanto, quando lhe disseram que tinha a receber uma duzia de contos de reis do producto da venda do espolio; ha seis ou sete annos que não vio sua irmã, depois que desapparecera de casa, sem que ninguem lhe soubesse dizer a mais pequena circumstancia da sua vida.

Viera á pressa a Paris; e causou verdadeira admiração a quantos conheciam Margarida ver que a sua unica herdeira era uma bella e forte rapariga d'aldeia, que até então nunca deixara as arvores da sua terra natal.

Achou a fortuna feita d'um só lance, ignorando até de que origem provinha essa riqueza inesperada.

Voltou, dizem, á sua aldeia, com uma grande tristeza da morte de sua irmã, o que d'alguma sorte era compensado pela collocação do capital da herança, que não podia render menos de quatro e meio por cento.

Todas estas circumstancias repetidas em Paris, a cidade mãe do escandalo, começavam a ser esquecidas, e eu mesmo esquecia-me já de que tinha tomado parte em alguns d'esses acontecimentos, quando um novo incidente me fez conhecer toda a vida de Margarida, descobrindo-me taes segredos e tão profundamente dolorosos, que senti a necessidade de escrever a historia d'aquelle martyrio.

Ha tres ou quatro dias que a sua casa, vazia da mobilia, que se vendeu toda, estava para alugar, quando bateram á minha porta, logo de manhã.

O meu creado, ou antes o porteiro, que me servia de creado, foi abrir, e trouxe-me um bilhete, dizendo-me que a pessoa que lh'o entregara desejava fallar-me.

Olhei para o bilhete e li:

— *Armando Duval.*

Procurei recordar-me d'este nome, que me não era estranho, e lembrei-me da primeira folha do volume da Manon Lescaut.

Que podia querer-me a pessoa que tinha dado esse livro a Margarida? Disse ao porteiro que o mandasse entrar. Vi então um rapaz louro, alto, pallido, em habitos de viagem, que parecia não ter deixado a muitos dias, e que nem se dera ao trabalho de escovar, chegando a Paris, porque estavam cheios de poeira.

Armando Duval, profundamente commovido, não fazia o minimo esforço para occultar a sua afflicção, e com as lagrimas na voz angustiada, disse-me:

— Senhor, desculpe-me a minha visita e o modo de me apresentar; mas além de que entre rapazes não ha ceremonias, eu desejava muito vêl-o hoje e fallar-lhe. Nem sequer entrei no hotel, para onde mandei as minhas malas. Corri logo a sua casa, receando que, apesar de cédo, o não encontrasse já. Pedi ao sr. Duval que se assentasse junto do fogão, o que elle fez, tirando do bolso um lenço, para cobrir o rosto, e esconder as lagrimas.

— Não póde prever, disse elle, sorrindo tristemente, o que pretenderá esta visita desconhecida, a semelhante hora, em semelhantes habitos, e chorando assim. Venho simplesmente pedir-lhe um grande favor.

— Estou á sua disposição no que poder servil-o.

— Assistiu a venda do espolio de Margarida Gautier?

Ao proferir estas palavras, a commoção de que tinha triumphado um instante foi mais forte do que elle, e obrigou-o a levar a mão aos olhos.

— Deve parecer-lhe muito ridiculo, acudiu, constrangido; desculpe-me ainda outra vez, e creia que não esquecerei nunca a paciencia com que me ouvir.

— Senhor, respondi eu, se o serviço que deseja de mim contribuir para tranquilisar o seu animo, diga depressa em que lhe posso ser util, e terei muita satisfação em servil-o.

A dôr de Armando Duval era sympathica, e eu desejava ser-lhe agradavel. Disse-me então:

— Comprou alguma cousa do espolio de Margarida?

— Comprei um livro.

— *Manon Lescaut?*

— Justamente.

— E tem ainda esse livro?

— De certo.

Armando Duval pareceu alliviado d'um grande pezo, e agradeceu-me, como se eu tivesse já começado a fazer-lhe um grande favor, guardando esse volume.

Levantei-me então, fui ao meu quarto buscar o livro, e entreguei-lh'o.

— E' isto mesmo, balbuciou elle, reparando na dedicatoria da primeira pagina, e folheando as outras; é isto mesmo.

E duas lagrimas resvalaram no seu rosto pallido, abatido.

— Pois bem, senhor, disse elle, erguendo a cabeça, e não procurando mesmo occultar a sua commoção, tem muito empenho em possuir este livro?

— Porque me faz essa pergunta?

— Porque vinha pedir-lhe que m'o cedesse.

— Perdôe a minha curiosidade, disse eu então; mas foi o senhor que offereceu esse livro a Margarida Gautier?

— Fui eu mesmo, sim.

— Pois guarde-o, pertence-lhe. Sinto muito prazer em restituir-lh'o.

— Mas, acudiu Armando Duval, embaraçado, deve pelo menos receber o preço por que o pagou.

— Permitta-me que tome a liberdade de offerecer-lh'o; o preço d'um unico volume em venda semelhante é uma bagatella, e nem eu me recordo já do que dei por elle.

— Deu cincoenta mil réis.

— E' verdade, murmurei eu, constrangido; como sabe isso?

— D'um modo simples. Esperava chegar a Paris a tempo de assistir á venda do espolio de Margarida, e não me foi possivel, por circumstancias imprevistas, vir mais cédo. Cheguei hoje de manhã. Queria absolutamente um objecto d'ella, e corri a casa do agente da venda, para lhe pedir licença de ver a lista dos objectos vendidos e os nomes dos compradores. Sube então quem tinha comprado este volume, e resolvi-me a pedir-lhe que m'o cedesse, ainda que o preço que deu por elle, me fazia receiar que tivesse alguma recordação intima ligada a este livro.

Fallando assim, Armando parecia effectivamente suspeitar algumas relações mais intimas entre mim e Margarida.

Apressei-me a desenganal-o.

— Não conheci *mademoiselle* Gautier senão de vista, disse eu; a sua morte fez-me a impressão, que faz sempre n'um rapaz a morte d'uma bonita mulher, que a gente gosta de vêr.

(Continua.)

9

FOLHETIM

A. D'UMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

III

Jesus tinha o immenso amor das almas feridas pelas paixões humanas, e gostava de curar as feridas com o seu proprio balsamo, que são as lagrimas do arrependimento.

Assim dizia á Magdalena:—«Serte-ha perdoado muito, porque amaste muito,» sublime perdão que devia acordar uma fé sublime.

Porque seremos nós mais severos do que Jesus? Porque havemos de curvar-nos obstinadamente ás opiniões d'este mundo, que se faz duro para que o julguem forte, repellindo as almas doloridas e amarguradas, os corações doentes e afflictos, que sangram muitas vezes das feridas abertas o mal do passado, e que não esperam senão o braço amigo e affectuoso, que lhes dê a convalescença do amor?

Dirijo-me á minha geração, a todos os homens de bem, que já não podem acreditar felizmente nas theorias de Voltaire, e sobretudo aquelles que, como eu, comprehendem o grande movimento humanitario d'este seculo. Vamos adquirindo a plenitude da sciencia do bem e do mal; reconstrue-se o edificio luminoso da fé; volta o respeito religioso das cousas santas, o ideal divino; e o mundo, se não está completamente bom, está muito melhor do que ha vinte annos ainda, quando se debatia nas ondas da duvida, nos paroxismos da morte moral, encontrando por toda o parte as cinzas das crenças mais augustas e mais fecundas do espirito humano.

Os esforços de todas as intelligencias tendem ao mesmo fim, todas as grandes vontades abraçam o mesmo principio: sejamos bons, sejamos homens, sejamos verdadeiros!

O mal não é mais do que uma vaidade; tenhamos o orgulho do bem, e sobretudo não desesperemos.

Não vamos desprezar a mulher, porque não é nem mãe, nem irmã, nem filha, nem esposa. Não reduzamos a estima á familia, a indulgencia ao egoismo. Se o ceu se alegra mais com o arrependimento d'um peccador do que com a virtude de cem justos, que nunca peccaram, procuremos dar essa alegria ineffavel ao ceu. Elle póde recompensar-nos infinitamente. Deixemos sobre o nosso caminho a esmola do nosso perdão áquelles que os desejos terrenos perderam nas miragens da felicidade; e esperemos que a bondade divina os salve com os immensos thesouros da sua misericordia.

Deve parecer estranha a tentativa de querer levantar estas grandes verdades da peanha de tão restricto assumpto, como é realmente o thema d'este livro; mas eu pertenço ao nu-

---

phia havia-lhe perdoado e esperava anciosa que se dissipasse a catalepsia de que Alberto tinha sido victima por muitos dias, para lhe dizer que o amava mais do que nunca e que lhe perdoava.....

.....

Pouco tempo depois o cura da ermida visinha lançava as bençãos aos dois ternos amantes.

Hoje vivem felizes, o seu amor redobra de dia para dia, e os carinhos de um para o outro são eguaes aos do primeiro dia de nupcias.

Augusto d'Azevedo.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 17

Mappa dos saldos dos espolios em liquidação no consulado portuguez do Rio Grande do Sul, referido ao mez de novembro de 1888.

Diario de 18

Estado da divida fluctuante em 31 de julho de 1889: 13.516:972$038 reis.

Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, conta do deposito: 10.671:779$540 reis.

Companhia nacional de caminhos de ferro, conta do deposito: — reis 120:665$441.

Estado da divida fluctuante em 31 de agosto de 1889, 14.172:972$038 reis.

Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, conta de deposito 1.067:179$540 reis.

Companhia nacional de caminhos de ferro, conta de deposito 120:665$441 reis.

Relação dos individuos admittidos como alumnos para differentes escolas agricolas.

Mappa dos saldos dos espolios sob a administração do consulado portuguez do Pará, referido ao dia 30 de novembro de 1888.

Diario de 19

Despachos da repartição do gabinete.

Mappa dos valores dos espolios sob a administração do consulado da Bahia, referido ao dia 31 de dezembro de 1888.

NOTICIARIO

Soror Thereza.—A dedicadissima soror Thereza foi galardoada com a cruz de honra pelo goderno francez, em Hanoi, a capital do Tonkim. E' ella a superiora das irmãs de caridade do Tonkim. Eis como o *Jornal das sciencias medicas*, de Lisboa, dá conta d'esse acto tão significativo. Formadas as tropas em quadrado na pequena praça da cidade, em cujo centro se tinha levantado um estrado destinado ao governador e ao seu estado maior, um ajudante de campo foi buscar a irmã Thereza, que foi encontrado no hospital consolando a um soldado ao qual estavam amputando uma perna. A religiosa não quiz acompanhar o official senão quando terminou a operação. Recebida pelo proprio general, subiu ao estrado no meio de enthusiasticas acclamações do povo e dos soldados. O general pronunciou o seguinte discurso: Soror Maria Thereza contava apenas vinte annos de idade quando foi ferida por uma bala no momento em que prodigalisava os seus cuidados a um dos feridos da batalha de Balaklava. Em 1859, nos campos de Magenta uma bala da metralhadora prostrou-a quando se achava á frente da primeira linha de combate. Posteriormente assistiu ás campanhas na Syria, China e Mexico, e se d'aqui saiu illesa não foi isso devido a não se expor ás balas inimigas. Em 1870, em Reischoffen, foi levantada ferida e coberta de sangue de entre um montão de couraceiros mortos.

Todos estes feitos de heroismo foram coroados com uma das acções mais heroicas que a historia registra. Uma granada cae no meio da ambulancia confiada aos seus cuidados; mas o projectil não rebenta immediatamente. Um momento mais e a explosão mataria os muitos feridos que ali se achavam em tratamento. Então, heroicamente, tomou a granada em seus braços, e com o sorriso nos labios animando os feridos, que gelados de espanto a contemplavam, correu até uma distancia de oitenta metros. Ao conhecer que o projectil ia rebentar lançou-se no chão. Não poude escapar a tempo e ficou ferida e coberta de sangue. Acudiram-lhe; e com o seu habitual sorriso dizia: não vos assusteis, isto não é nada. Apenas restabelecida, voltou a cumprir a sua missão no hospital, de onde acaba de chegar conduzida por este official. Durante este panegyrico permaneceu a madre com a cabeça modestamente inclinada e os olhos fixos no crucifixo que da cinta lhe pendia. O general, desembainhando a espada e tocando-lhe com ella tres vezes, segundo a praxe, disse com a voz embargada pela commoção:

Em nome do povo francez e do exercito, confiro-vos esta cruz concedida ao valor. Ninguem poderá allegar feitos mais heroicos para os merecer; ninguem poderá apresentar uma vida mais cheia de abnegação e mais consagrada ao serviço de seus irmãos e da sua patria. As tropas apresentaram armas, as musicas tocaram e as acclamações não conseguiram exaltar a timida e envergonhada heroina, mais util á humanidade e mais notavel na historia, que todos os grandes conquistadores, que foram flagello da sociedade.

— General, disse Soror Thereza, posso retirar-me?

E á resposta affirmativa do general, retirou-se dizendo:

— Então permitta-me que regresse ao hospital, porque os feridos precisam de mim!

E foi-se humilde e sem que apresentásse o menor indicio de orgulho pela honra, que tão justamente lhe fôra conferida.

Eclipses em 1890.—Durante o proximo anno haverá 3 eclipses, que são os seguintes: 17 de julho—Eclipse annular do sol, visivel em toda a Europa; 26 de novembro—Eclipse parcial da lua, visivel n'uma pequena parte da Europa; 11 de dezembro—Eclipse total do sol,—não é visivel na Europa.

Viagem curiosa.—Acaba de chegar a Paris o sr. Francis Nautet, litterato belga, depois de ter feito todo o trajecto de Bruxellas áquella capital n'uma carreta puxada por dois cães. O percurso durou sete dias. No percurso da sua viagem o sr. Nautet soffreu alguns contratempos, que lhe atrazaram a marcha. O principal incidente deu-se em Louvroil (Nord). N'esta localidade, o maire, fundando-se na lei de Grammont, recusou-se a permittir que o excursionista continuasse a viagem se não mudasse de meio de locomoção. O viajante teve então uma idéa original. Metteu os cães na carreta e puxou-a elle proprio até aos limites da communa. Quando se viu fóra da jurisdicção do maire de Louvroil, o sr. Nautet atrellou novamente os cães ao carro e proseguiu seu caminho, evitando os burgos quanto possivel. O excursionista telegraphou de Compiégne para Paris aos seus amigos, que foram esperal-o ao caminho á hora por elle indicada para a sua chegada. O excentrico litterato conta regressar empregando o mesmo meio de transporte.

As collecções de sêllos.— As collecções de sêllos deram origem a uma industria curiosa, que algumas vezes apparecia sob o manto d'uma obra de caridade, recommendando-se ás pessoas caridosas a reunião d'um milhão de sêllos, offerecendo-se por elles um piano ou uma machina de costura. Chegou-se até a suppôr que o producto dos sêllos podia empregar-se na conversão dos infieis ao christianismo. Em cada paiz procuram-se com preferencia os sêllos nacionaes, havendo agencias em França, Allemanha e Inglaterra, que chegam a pagar 45$000 réis por um milhão de sêllos usados. Mas onde esta industria adquiriu maior desenvolvimento é nos Estados-Unidos, e assim se explica o contracto celebrado entre o governo da republica de S. Salvador e uma companhia. Esta é obrigada a fornecer sem dispendio algum para o serviço dos correios da republica a quantidade necessaria de sêllos segundo os modelos que lhe forem apresentados todos os annos no dia 1 de abril, sendo cada emissão differente das precedentes. Em compensação, o governo da republica cede á companhia os sêllos que, sob previa declaração, forem annulados, podendo a companhia conservar os cunhos, imprimir os sêllos e vendel-os aos collecionadores.

O primeiro dormi-nhoco do mundo.—O *Correio dos Estados Unidos* refere que existe em Utica um rendeiro chamado Hermann Harms dorme, quasi sem interrupção, ha doze annos. Em 1877, Harms chegou do Illinois, e estabeleceu-se em Utica com mulher e dois filhos. Outr'ora tivera violentos accessos de febre, e, apenas instalado, succumbiu a um somno invencivel, que durou tres annos. Depois accordou um dia e foi ceifar; mas, passado pouco tempo, tornou a cahir no somno, e ficou a dormir por espaço de tres annos. Despertou de novo durante alguns dias, e voltou a pegar no somno, e isso muitas vezes, até que n'estes ultimos tempos, em que o rendeiro desperta todos os dias durante alguns minutos para adormecer cada vez mais profundamente. Teem-se empregado todos os estimulantes, como quinino, strychnina etc., mas nada tem a força de o arrancar de tal torpôr. Ha dois annos, o filho mais velho desanimado por vêr o pae n'aquelle estado, enforcou-se, e, alguns mezes depois, o segundo filho fez o mesmo. Hoje o rendeiro está sempre a dormir, parecendo mais um morto que um vivo. A mulher vela por elle constantemente, não lhe abandonando nunca a cabeceira do leito. Só na America é que se póde dormir assim, diz com graça um nosso collega.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *A Estação*, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º 16 de outubro.

Summario: Correio da moda.

Gravuras: Grande traje com mangas largas—Costume com saia apanhada—Espartilho—Cercadura para espaldeira a canapé—Jaqueta abotoada em viez—Renda a crochet para tapete stores—Costume com corpo blusa e cintura—Guardanapo para chã—Cercadura para coberta—Manga á camponeza—Chapeu redondo de feltro ornado de plumas—Chapeu ornado de renda—Gorro de velludo ornado de plumas—Costume corpo com abas—Vestido blusa com pala para menina—Vestido decotado para creanças—Paletot com capuz para menino—Roupão—Vestido com corpo aberto e abas recortadas—Costume para passeio e de viagem—Capa com pala e triplece romeira—Quadrado para pequeno sacco com bordado leve—Corpinho curto—Costume para excursão nos montes—Peitilho de crepe e fita—Estante para papeis—Cofre com escultura colorida—Ornamento de tampa para o cofre—Decoração para paredes—Chapeu traçado enfeitado com azas de passaro—Vestido de visitas—Capa de renda—Costume com cintura, etc., etc.

Com um figurino colorido, representando: vestido para sarau, saia em pregas, vestido caseiro de cachemira, etc.

— *A Moda Illustrada.* Continuamos a receber regularmente a *Moda Illustrada*, excellente jornal de modas para senhoras e creanças. O n.º 260, correspondente a 15 de outubro, traz uma bella collecção de figurinos de differentes vestuarios, modêlos de chapéos, desenhos, debuxos, tudo da mais alta novidade. Na parte litteraria encontra-se a descripção de todas as gravuras, bem como a explicação dos respectivos moldes, contendo as restantes secções, de *Correio da Moda*, chronica, romance, passa-tempo, etc.

Este jornal de modas consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes, separadas, pelo preço de 200 réis avulso.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, *successora de David Corazzi* e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *Bibliotheca do Povo e das Escolas.* A Instituição Consular, por D. Luiz Carlos da Costa, n.º 173, da C. N. Editora.

— *O Esqueleto.* Numa terra onde não abunda o gosto pelas letras, e onde se preferem as flores dos bosques e dos jardins ás flores do espirito, é caso para se festejar o apparecimento de qualquer livro de que se tire utilidade réal. Camillo Castello Branco é sem questão um talento abençoado, uma alma inspirada e creadora, um coração expansivel e fiel aos grandes sentimentos e ás grandes concepções. O *Esqueleto*, ultimo romance publicado pela companhia editora de publicações illustradas, é extraordinario pela originalidade, pelo mimo, pelo estudo que revela. Da collecção Camillo Castello Branco já estão publicados *A engeitada, O bem e o mal*, e *O senhor do paço de Ninães*. Seguem-se *Estrellas funestas, As tres irmãs, Memorias do carcere, Annos de prosa, A mulher fatal, Os brilhantes do brazileiro, A bruxa do Monte Cordova, A filha do doutor Negro, Estrellas propicias, O olho de vidro, Mysterios de Fafe, Quatro horas innocentes, Memorias de Guilherme do Amaral, O sangue, Vinte horas de liteira, As virtudes antigas, Lucta de gigantes, Cavar em ruinas, O santo da montanha; A doida do Candal, O retrato de Ricardina, A queda d'um anjo, Agulha em palheiro, O judeu; Doze casamentos felizes, O demonio do ouro, A viuva do enforcado, Novellas do Minho, O regicida, A filha do regicida, Divindade de Jesus, Correspondencia epistolar, Theatro, etc. etc.*

Cada volume brochado custa 200 réis, encadernado em perlina 300 réis. Assigna-se no escriptorio da empreza, travessa da Queimada, 35, Lisboa.

— *Os Esplendores da Fé.* Está já em distribuição o fasciculo n.º 10 dos *Esplendores da Fé*, obra que demonstra o accordo perfeito da revelação e da sciencia, da fé e da razão, da qual é auctor, como se sabe, o reverendo Moigno, conego de S. Dyonisio, fundador director do jornal *Cosmos-os-Mundos*. A versão portugueza é do revd.º Francisco Manuel Vaz, antigo missionario d'Africa Oriental. O sr. Antonio Dourado, editor d'esta obra, no Porto, rua dos Martyres da Liberdade, 137, obteve para ella auctorisação e approvação do ex.mo sr. D. Americo, cardeal bispo do Porto. N'este fasciculo n.º 10, que se acha em distribuição, continuam os substanciosos apendices de que já fallamos e que muito enriquecem a obra, que nós recommendamos sempre vivamente aos nossos leitores.

— *Collecção completa das Obras de Julio Diniz.* A Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, previne todos os seus estimaveis assignantes e o publico em geral, que realisou a compra do fundo existente das obras de Julio Diniz, as quaes tem á venda no escriptorio da administração, rua da Atalaya, 42, Lisboa. O nosso incomparavel romancista de costumes, o saudoso e mallogrado escriptor a quem justamente cognominaram de Dickens portuguez, possue um nome que a critica aureolou de brilhantissimos e justos encomios, um nome cuja fama só poderá ser comparada á superioridade altissima dos meritos da sua obra immorredoura, a qual marca uma nova época e uma nova phase em o nosso movimento litterario. Os romances de Julio Diniz são excellentes modelos de naturalismo, intelligente e profunda observação; e, sem excluir a verdade em o mais insignificante pormenor ou no mais complexo da contextura, a obra d'aquelle inexcedivel escriptor apparece todavia depurada de realismos irritantes, em condições de poder ser lida e admirada sem offensa dos sentimentos de quem quer que seja e com intensa satisfação de todos: é uma perfeita obra de arte, prima entre as primeiras. Finalmente, romances como as *Pupillas do sr. Reitor*, *Familia Ingleza*, *Fidalgos da Casa Mourisca*, *Morgadinha dos Cannaviaes*, e todas as outras producções que sahiram de tão apurada e elegante penna não necessitam ser encarecidas, pois todo o elogio é superfluo em face da notoriedade e justo renome de que ellas gosam desde que viram a luz da publicidade.

— *Os Exilados da Terra*, brilhante romance de André Laurie, fasciculos n.os 13 e 14, da C. N. Editora.

— *Marrocos e Constantinopla*, de Edmundo d'Amicis, fasciculo n.º 47, da C. N. Editora.

— *Album de Costumes Portuguezes*, fasciculo n.º 55, costume dos suburbios de Braga, texto de Julio Cesar Machado, da C. N. Editora.

— *Lisboa-Coimbra*, publicação illustrada, semanal, scientifica e litteraria, n.º 1 do 1.º do anno.

— *Questão das Ostreiras ao sul do Tejo*, publicação a que já nos referimos n'um dos passados numeros.

— *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna*, Hermann e Dorothea, de Gaethe, n.º 43, da C. N. Editora.

— *Jack, o Estripador*, romance da actualidade, illustrado, por James Middleton, fasciculos n.os 15 e 16, da C. N. Editora.

— *O Rei dos Grilhetas*, por Ernesto Capendu, romance historico e illustrado, fasciculos n.os 26 e 27, da Companhia N. Editora.

— *Linda de Chamounix*, 1.º fasciculo, com formosissimos chromos e gravuros, de que já n'um dos nossos numeros anteriores tivemos occasião de fallar. Assigna-se no escriptorio da C. N. Editora.

— *A Formosa Conspiradora*, lindissimo romance de P. Zaccone, com gravuras e chromos, fasciculo n.º 17 e ultimo, da C. N. Editora.

Chronica das praias.

—*Costa Nova 16.*—Conforme lhes disse aqui chegou hontem de noite, por causa da maré, a brilhante *troupe* do *Recreio Musical*, d'ahi, que veio obsequiosamente dar um concerto no theatrinho do sr. João Garcia. A sala estava lindamente engalanada de flôres e lumes, e a orchestra, sob a batuta magica do seu digno regente, o sr. Julio Ferreira, desempenhou magistralmente um programma escolhido das melhores peças do seu selecto reportorio. A enchente era completa, estando muitas senhoras com vistosas *toilettes*. O desempenho foi muito applaudido. Apesar da chegada da *troupe* dos rapazes aveirenses ser muito tarde ainda assim tiveram espera por alguns amadores, que foram em escaleres e bateiras embandeiradas ao seu encontro, queimando foguetes. Os visitantes agradeceram, tocando alguns trechos alegres, produzindo bello effeito sobre a agua.

— Esta praia tambem já vae usofruindo os beneficios da civilisação, pois é illuminada á noite.

— N'este anno temos aqui tido uma nova diversão. Aos domingos vem tocar cá a phylarmonica d'Ilhavo a expensas d'um banhista endinheirado!

— Esta costa que ultimamente tinha decahido algum tanto da sua antiga importancia, não só como praia de banhos, mas tambem como centro de pesca, tornou n'este anno a reviver, tanto n'uma como n'outra cousa, pois os *palheiros* teem estado em toda a epoca balnear atulhados e promettem continuar, e no mar trabalham cinco companhas de pesca, com gado bovino para lhe arrastar as redes. O tempo hoje apresentou-se de madrugada chuvoso, mas como o mar era bom, os barcos sahiram e no primeiro lanço tiraram boa sardinha, que deu bastante dinheiro. Foram ao mar segunda vez, e então alguns barcos custou-lhes a vencer a arrebentação, enchendo d'agua, e o da companha da Senhora da Saude, esteve em imminente perigo de se afundar, não podendo vencer a pancada do mar, que o arrastou 2 vezes para terra.

L.

Obras.—Continúa Aveiro a encher-se de obras novas. Ha ruas e ruas onde se andam com 3 e mais edificações e reedificações.

O Pharol.—Está quasi completamente revestido da argamassa vermelha e branca com que deve ficar definitivamente. Espera-se agora pela cupula, encommendada—diz-se—ha perto de 3 mezes.

Manifestações de sentimento.—Assim que se soube n'esta cidade a infausta nova do passamento de S. M. El-Rei, começaram desde logo as demonstrações de luto, dobrando a finados na torre dos paços do concelho, e nas das freguezias, extinctos conventos, Misericordia, e varias egrejas, continuando nos dias seguintes; nos edificios publicos, e nas casas dos vice-consulados foram hasteadas a meio pau as respectivas bandeiras; as repartições publicas fecharam, assim como alguns estabelecimentos cerráram meias portas; as armas reaes foram cobertas de crepes; e o serviço da guarnição começou a ser feito de grande uniforme.

A consternação pintava-se em todos os rostos, porque o finado monarcha tinha conquistado geraes sympathias, muito principalmente depois que visitou esta cidade em 28 de outubro de 1887. Mal pensavamos nós então que tão cedo teriamos a desventura de o perder! por isso a magua é intensa e a saudade pungente.

A camara municipal reuniu no dia 20, em sessão extraordinaria, sob a presidencia do sr. conselheiro Manuel Firmino, e deliberou um voto de sentimento pela morte d'El-Rei, sendo esse voto transmittido a S. M. a Rainha, e ao novo Rei.

A municipalidade e este jornal resolveram fazer-se representar no funeral, pelo nosso dilecto collega, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, illustre deputado por Ovar.

Notas da carteira. — Fez hontem annos a ex.ma sr.ª D. Graziella Maria de Vilhena, gentil e virtuosissima filha do nosso presado collega d'esta redacção, sr. Almeida Vilhena. Os nossos mais sinceros parabens.

Fallecimento.—Ante-hontem falleceu repentinamente o sr. coronel Bento da França Pinto d'Oliveira, muito digno commandante de cavallaria 10. Este acontecimento inesperado contristou toda a cidade. O sr. Bento da França era, aqui e em todo o paiz, geralmente estimado. Tinha o porte de um verdadeiro cavalheiro, sympathico a todas as classes; era tambem um distincto e brioso militar. O regimento do seu commando apresentava-se como modêlo. Querido da officialidade e dos soldados, era um disciplinador, e não se imagina quanto trabalhava para que tudo estivesse bem e o serviço se fizesse pontualmente. A' sua grande actividade, ao seu muito zelo, á sua provada energia, juntava-se a rasgada vontade e a activa collaboração dos dignos officiaes, que capricham em collocar-se na vanguarda de todos os seus camaradas.

O finado era um distinctissimo membro de uma das mais illustres familias do nosso exercito. Respeitado de todos, estimado de quantos o conheciam, deixa saudades na cidade, mas muito principalmente á corporação de que fazia parte e sobretudo a sua desolada familia, que elle idolatrava e por quem era estremecido.

Succumbiu o sr. Bento da França a uma lezão do coração, cujos symptomas se tinham por vezes manifestado.

Ainda ha poucos dias o vimos á frente do seu regimento, no ultimo exercicio a que assistiu, forte, cheio de vida, alegre, satisfeito. Poucos minutos depois, no proprio logar em que o commandava, cahia, cedendo aos effeitos d'um ataque, pronuncio, certamente, do que o arrebatou á vida.

O illustre extincto era ainda novo. A sua morte é uma perda para o exercito, que tinha n'elle um dos seus mais prestantes soldados; para a sociedade, de que era um distinctissimo membro; para Aveiro, que o tinha como um incomparavel mantenedor da ordem; para cavallaria 10, que via n'elle um camarada leal, e para a familia, de que era o mais valoroso esteio.

A sua ex.ma esposa e filhos, e aos dignos officiaes de cavallaria 10, a expressão sincera do nosso grande sentimento.

*

Ao seu enterro, que se verificou hontem pelas 5 horas da tarde, concorreu grande numero de pessoas, mais por sympathia para com o morto, do que, como de costume, por dever de posição; e, a nosso ver, isto honra muito a memoria do cavalheiroso militar. Abria o prestito a secção *Barbosa de Magalhães* do *Azylo Escola Districtal*. Seguiam-se duas numerosas alas, compostas de todas as classes de Aveiro, o feretro, a que pegavam 8 1.os sargentos, todo o regimento de cavallaria, um destacamento do 23, o corpo de bombeiros voluntarios, da policia civil, da policia fiscal; atraz seguia um dos seus cavallos, desferrado, coberto de crepes. No regimento viam-se quasi todos os rostos humedecidos pelas lagrimas. Sobre o feretro ia estendida a bandeira do regimento. No cemiterio foram collocadas 3 lindas corôas: uma de violetas, lilazes e madresilvas, com a seguinte inscripção nas largas fitas de setim: *Fernandes Thomaz e Monteiro ao coronel Bento da França;* outra de amores perfeitos: *ao seu chorado coronel, Bento da França, os officiaes de cavallaria 10*; outra de violetas e rosas: *as lagrimas dos seus verdadeiros amigos, os officiaes inferiores de cavallaria 10.* A' entrada para a capella fez um pequeno improviso o sr. José Soares da Cunha e Costa.

Levava a chave do caixão o sr. governador civil. As principaes auctoridades, militares, civis e ecclesiasticas, acompanharam até á sua ultima morada o illustre extincto. Da entrada do cemiterio até á capella foi levado por 8 officiaes superiores, pegando ás borlas segunda turma de convidados.

Era já quasi noite quando tiveram logar as descargas do estylo.

CORREIO DE LISBOA

22 DE OUTUBRO DE 1889.

Depois da minha ultima carta, o que houve de mais importante foi a morte d'El-Rei. Do que succedeu devem ter ahi largas informações, porque a imprensa da capital não tem sido avara de informações. E' de crer pois que o jornal tracte, em outro logar, d'esse aliás importantissimo assumpto, evitando eu, por conseguinte, esse trabalho. O que posso affirmar-lhe é, que a dôr foi geral aqui, em todo o paiz e em toda a Europa porque o Rei fallecido era geralmente estimado e respeitado em toda a parte como nunca ninguem mais o foi. E d'esta verdade estão-se aqui recebendo provas todos os dias.

O novo Rei, o sr. D. Carlos I, confirmou o governo e está nas melhores relações com os ministros do seu fallecido pae. Era o que se esperava e foi o que succedeu.

— Estão feitas as eleições em toda a parte. A regeneração venceu onde os amigos da situação não oppozeram séria resistencia aos seus trabalhos. E em alguns circulos, como n'um dos de Braga, venceram pela traição dos delegados do governo. Foi n'este districto e no de Faro, onde a regeneração conseguiu mais. No resto do paiz quasi que raros representantes seus conseguiram triumphar, de fórma que apesar da representação que teem nos circulos plurinominaes, não conseguirão levar á camara mais de 30 deputados. A esquerda dynastica tem uma representação mais diminuta.

Quem ficou quasi sem representação no parlamento foi o partido republicano. A capital deu-lhe um representante, e Villa Nova de Gaya outro, e são estes os srs. Latino Coelho, e Rodrigues de Freitos. O que é para estimar e para applaudir mesmo é que todo o acto correu pacificamente sem desordens. O partido progressista leva á camara uma maioria enorme, e entre os novos eleitos ha capacidades muito distinctas, que hão de concorrer para o brilhantismo do parlamento, do partido e do paiz.

Na Madeira venceu a lista governamental que comprehendia dois candidatos seus, e um esquerdista, sendo derrotado o candidato serpaceo, sr. Freitas Branco.

— O orgão do partido legitimista, *A Nação*, publicou o seguinte supplemento:

«Morreu o Chefe do Estado.

Ante a magestade da morte, que acaba de prostrar na eternidade o Principe, que era a personificação de um systema de governo e de uma dynastia, que, intransigentemente, sem treguas nem humanos respeitos, havemos combatido, curvamo-nos reverentes, menos por convencional dever de cortezia, do que por leal impulso de coração. E porque avaliamos a dôr, que, em tão angustioso transe, opprime a familia do illustre finado, e sabemos que profundo golpe feriu o partido politico nosso adversario, partilhamos da sua dôr e acompanhamol-os no lucto, em que se envolvem como expressão de seu grande pezar.

Não é este o momento de fazermos a historia do reinado que terminou. Sobre o leito mortuario em que reposa o cadaver ainda morno do Principe que foi chefe d'esta nação, não iremos nós perturbar o maguado recolhimento em que se encontram a sua augustiada familia e o partido nosso contrario, que deploram o triste acontecimento. É, porém, o momento de dobrarmos o joelho e de implorarmos como christãos a Misericordia Divina em favor da alma do finado Principe. E da bondade infinita tudo havemos de fiar, porque, Deus, que desconta no Ceu as desventuras da terra, terá benevolamente pesado os horriveis soffrimentos, que tão penosamente amarguraram os ultimos tempos da vida do sr. D. Luiz.

A' augusta familia, que nas pompas da realeza não encontra lenitivo á sua dôr, e ao partido liberal, que deplora a perda do que foi seu rei, apresentamos sincera e lealmente a expressão de nossos sentimentos.»

Vá esta lição, de cortezia e de affirmação de bons sentimentos, aos *irmãos e amigos* dos clubs e dos centros, e do directorio tambem!

— Na cerimonia do enterro de el-rei os vereadores vão com as suas vestes á antiga, de calção, capa e chapeu desabado; indo o vereador mais novo, sr. Simões d'Almeida, a cavallo.

— Ficam transferidas, por causa dos funeraes d'el-rei D. Luiz, as exequias que se deviam celebrar por alma do sr. infante D. Augusto.

— Alguns jornaes governamentaes dizem que o sr. Oliveira Martins será dentro em pouco encarregado da pasta da fazenda.

— Já estão alugados todos os carros que havia na cidade, para o funeral d'el-rei D. Luiz.

— Parece que um dos medicos da casa real se propõe fazer a historia da doença do real defunto.

— Ha centos de corôas para depôr no feretro d'el-rei.

Y.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA D'AVEIRO

Entrada em 20

Hiate *Flor do Calvario*, de S. Martinho, com lastro.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

João Affonso d'Espergueira, do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Governador Civil do districto d'Aveiro, etc.

FAÇO saber que em cumprimento do art. 309 do Codigo administrativo devem realisar-se no dia 3 de novembro proximo as eleições de procuradores á junta geral de districto e de vereadores das camaras municipaes para o triennio civil de 1890 a 1892 inclusivè, e por isso, e nos termos dos artigos 312 e 217 n.º 15 do mesmo Codigo, pelo presente edital convoco as assembleias eleitoraes de todos os circulos d'este districto a reunirem-se no dia indicado, por nove horas da manhã, nos locaes e pela fórma constante do mappa, que faz parte d'este edital, a fim de procederem ás referidas eleições segundo os termos preceituados nos artigos 5, 100, e 408 e outros do citado Codigo, devendo ter muito em vista que á eleição de procuradores não é ainda applicavel a representação das minorias (art. 408 do Codigo Administrativo) e que os concelhos de 1.ª ordem elegem 9 vereadores e as listas devem conter 6 nomes; e os de 2.ª ordem elegem 7 e as listas devem conter 5 nomes e os de 3.ª elegem 5 devendo as listas conter 3 nomes.

MAPPA QUE FAZ PARTE D'ESTE EDITAL

Concelhos	Sua ordem	Logares de reunião das assembleias eleitoraes.	Freguezias componentes das assembleias eleitoraes.
Agueda	*Segunda*	Egreja matriz d'Agueda	Agueda, Espinhel Ois da Ribr.ª, Recardães, Travassô
		Egreja matriz d'Aguada de Cima	Aguada de Cima, Agadão, Aguada de Baixo, Barrô, Bolazaima, Castanheira do Vouga, Macieira d'Alcoba
		Capella de N. Senhora da Conceição do logar da Arrancada	Vallongo, Lamas, Macinhata do Vouga, Prestimo, Sogadães, Trofa
Albergaria	*Terceira*	Egreja matriz de Albergaria	Albergaria, Valmaior
		Egreja matriz d'Angeja	Angeja, Frossos
		Egreja matriz d'Alquerubim	Alquerubim, S. João de Loure,
		Egreja matriz da Banca	Branca, Ribeira de Fragoas
Anadia	*Segunda*	Paços do concelho	Arcos, Moita, Tamengos, Villa Nova
		Egreja matriz d'Avellans de Caminho	Avellans de Caminho, Avellans de Cima, Mogoforos, Sangalhos
		Egreja matriz de S. Lourenço	S. Lourenço, Ancas, Ois, Villar.º
Arouca	*Segunda*	Egreja matriz de S. Bartholomeu	Albergaria, Alvarenga, Burgo, Cabreiros, Canellas, Espiunca, Janarde S. Bartholomeu, Moldes, Santa Eulalia, Tropeço, Urrô, Rossas e Varzea
		Egreja matriz de Fermedo	Fermedo, Chavo, Escariz, Louredo, Matto e Mansores
Aveiro	*Primeira*	Egreja matriz da Gloria	Gloria, Vera-Cruz
		Egreja matriz d'Esgueira	Esgueira e Cacia
		Egreja matriz da Oliveirinha Capella da Povoa de Vallade	Oliveirinha, Eixo, Eirol e Aradas Reqneixo, Nariz e Palhaça
Castello de Paiva	*Terceira*	Paços do Concelho	Sobrado, Bairros, Fornos, Paraizo, Pedorido, Raiva, Real, Santa Maria de Sardoura, S. Martinho de Sardoura
Estarreja	*Segunda*	Egreja matriz de Canellas	Canellas, Fermelã
		» de Beduido	Beduido
		» d'Avanca	Avanca
		» de Bunheiro	Bunheiro
		» da Murtosa	Murtosa
		Egreja matriz de Pardilhó	Pardilhó
		» de Salreu	Salreu
		» de Veiros	Veiros
Feira	*Segunda*	Egreja matriz da Feira	Feira, Arrifana, Espargo, Escapães e Santins
		» de Souto	Souto, Travanca, Mosteiró e Fornos Romariz, Vallo, Pigeiros e Milheirós de Poiares
		» de Romariz	
		» de Canedo	Canedo, Levêr, Geão, Guizande e Villa Maior
		» de Fiães	Fiães, Argoncilhe, S. Jorge, Sanguedo e Lozão
		» de Lourosa	Lourosa, Lamas, Mouzellos e S. João de Ver
		» de Paços de Brandão	Paços de Brandão, *Paramos, Riomão,* e Nogueira
		» de Silvaldo	Silvaldo, Anta e Oleiros
Ilhavo	*Terceira*	Egreja matriz d'Ilhavo	S. Salvador
Macieira de Cambra	*Terceira*	Egreja matriz de Macieira de Cambra	Macieira de Cambra, Arões, Castellões, Cepellos, Codal, Junqueira, Roge, Villa Chã, Villa Cova de Perinho
Mealhada	*Terceira*	Capella de Sant'Anna	Vaccariça, Luso e Ventosa
		Egreja matriz de Casal Comba	Casal Comba, Barcouço, Pampilhosa
Oliveira d'Azemeis	*Segunda*	Egreja matriz de Oliveira de Azemeis	Olivr.ª d'Azemeis, Ossella, S. Martinho da Gandra S. Thiago de Riba d'Ul, Madail
		Egreja matriz do Pinheiro	Pinheiro, Palmaz, Macinhata de Seixa, Travanca
		Egreja matriz de Loureiro	Loureiro, Ul
		» de S. João da Madeira	S. João da Madeira, Cucujães
		» de Nogueira de Cravo	Nogr.ª de Cravo, S. Roque Macieira
		» de Carregosa	Carregosa, Fajões, Cezar, Pindello
Oliv.ª do Br.º	*Terceira*	Paços do Concelho	Oliveira do Bairro Mamarrosa, Troviscal, Oyã, Fermentellos
Ovar	*Segunda*	Sala das sessões camararias	Ovar (parte nascente e norte das pontes da Graça e João de Pinho), Arada
		Sala contigua á do tribunal judicial	Ovar (parte poente e sul das referidas pontes) S. Vicente de Pereira
		Egreja matriz de Vallega	Vallega
		» de Esmoriz	Esmoriz, Cortegaça, Maceda
Sever do Vouga	*Terceira*	Egreja matriz de Sever do Vouga	Sever do Vouga, Cedrim, Couto de Estevos, Paradella, Pecegueiro, Roccas, Silva Escura, Talhadas
Vagos	*Terceira*	Egreja matriz de Vagos	Vagos, Sôza, Covão do Lobo

Circulos de procuradores á junta geral	Numero de procuradores que elege cada circulo.
Aveiro	Dois
Agueda e Sevêr do Vouga	Dois
Albergaria e Estarreja	Tres
Anadia	Um
Arouca e Macieira de Cambra	Dois
Ilhavo e Vagos	Um
Feira	Tres
Mealhada	Um
Oliveira d'Azemeis	Dois
Oliveira do Bairro	Um
Ovar	Dois
Castello de Paiva	Um

Este edital será affixado nos logares do estylo em todas as freguezias d'este districto e publicado em algum jornal dos respectivos circulos, havendo-o (artigo 312 do Codigo Administrativo).

Governo Civil d'Aveiro, 14 d'outubro de 1889.

João Affonso d'Espergueira.

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto
A. J. Shore & C.ª
57—Rua dos Inglezes.

CONCURSO

PERANTE a camara municipal do concelho de Ilhavo se acha a concurso por tempo de trinta dias, a contar da data do presente annuncio, a primeira cadeira elementar do sexo masculino, d'esta villa, com ordenado de 120$000 réis e as gratificações que por lei lhe competirem.

Os concorrentes instruirão seus requerimentos com os documentos de que tratam as instrucções regulamentares a que se refere a portaria de 8 d'agosto de 1881.

Ilhavo, e secretaria da camara, 27 de setembro de 1889.

O presidente da camara,
Bernardo dos Santos Camarão.

DOENÇAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
ESTAS CAPSULAS **CURAM SEM EXCEPÇÃO** OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. **100 CURAS EM 100 DOENTES** Tratados pela Academia.
COMPLEMENTO do tratamento pela
INJECÇÃO RAQUIN
MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO
Exija-se a Assignatura **RAQUIN** e o Sello official do Governo Francez.
FUMOUZE-ALBESPEYRES. 78, Faub.g St Denis, PARIS
E TODAS AS PHARMACIAS.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

ESTRADA DISTRICTAL N.º 62 DE BANDEIRA Á ESTRADA REAL N.º 45

(ANTIGA E. D. N.º 27-A, D'OVAR A ANGEJA)

LANÇO DE ESTARREJA Á PREZA

ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que a arrematação annunciada para o dia 25 do corrente (cujo annuncio era datado de 5 d'outubro), com relação ao referido lanço, da ponte comprehendida entre os perfis 0 e 47, fica transferida para o dia 30 do corrente.

Aveiro 21 d'outubro de 1889.

José da Maia Romão,
chefe interino da 3.ª secção.

AVISO

2.ª CIRCUMSCRIPÇÃO HYDAULICA

TAREFAS N.os 25 E 26

CAES DA VILLA D'AGUEDA

FORNECIMENTO DE MADEIRAS

Faz-se publico que, em virtude do fallecimento de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz 1.º, fica transferida para o proximo dia 30, a arrematação das referidas tarefas, constantes do edital de 10 do corrente.

Aveiro, 22 d'outubro de 1889.

O engenheiro chefe de secção,
Francisco da Silva Monteiro.

ARMAZENS DA BEIRA

RUA DE SANTA CATHARINA 184 A 186-A

RUA FORMOSA 253 A 257-A

PORTO

COMMERCIO DE PANNOS

Alta novidade em fazendas nacionaes e estrangeiras para a estação de inverno, recentemente chegadas.

Especialidade em casemiras de phantasia para casacos de senhora, e em malhas para fatos de meninos.

CONFECÇÕES POR MEDIDA

Executam-se, sem necessidade de prova, fatos para homem e creança, bem como casacos para senhora, para o que se enviam instrucções sobre o modo de tirar as medidas.

Satisfazem-se pedidos d'amostras, e para a provincia todas as encommendas são enviadas franco de porte.

COMPANHIA GENERAL DE TABACOS

DE

FILIPPINAS

DEPOSITO, RUA DO ALECRIM, 20-A

As diversas marcas de charutos d'esta companhia vendem-se nas principaes tabacarias.

LOTERIAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64
PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

LOTERIAS PORTUGUEZAS

Em outubro, no dia 24.

Em todas as loterias o premio maior é de

9:000$000

Bilhetes, a 5$300; quintos a 1$060; oitavos a 660; cautelas de 260; 130, 45 e 30 rs.

Listasen viadas no proprio dia do sorteio.

LOTERIAS DE MADRID

NO MEZ DE OUTUBRO

Em 29, com dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

As listas de todos os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, valles do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Lisboa

ANNUNCIO

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão Dias da Silva, hão de ser postos em praça, no dia 10 de novembro proximo, por 11 horas da manhã, junto ás portas do tribunal judicial, para serem arrematados pelo maior lanço, os predios abaixo mencionadas, pertencentes ao cazal do fallecido José Vieira da Silva Maio, d'esta cidade, os quaes são vendidos para pagamento de dividas do cazal. Toda a contribuição é paga pelos arrematantes.

PREDIOS

Uma terra lavradia na estrada de Esgueira, limite de S. Bernardo, avaliada em 60$000 reis.

Uma terra lavradia sita no Forninho, limite de S. Bernardo, avaliada m 32$000 reis.

Um terreno com pinhal miúdo, no Val do Rendeiro, avaliado em 55$000 reis.

Uma terra de matto e pinheiros, sita na Cova do Ouro, limite d'Esgueira, avaliada em 75$000 reis.

Ficam por este citados os credores incertos do cazal.

Aveiro, 18 de outubro de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei.—O juiz de direito, *A. Cortezão.*

PARIS

GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Requisite-se

o catalogo general illustrado, em portuguez ou em francez, contendo **580 gravuras** (modelos ineditos) para a **ESTAÇÃO d'INVERNO** que se remette *gratis* e *franco* a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & Cie
PARIS

Este Catalogo indica as condições para a expedição *franco de porte* em todos os paises do mundo.

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõe os immensos sortimentos do *PRINTEMPS* especificando-se bem os generos e os preços.

Interpretes para todas as Linguas

A disposição das pessoas que desejem visitar os Armazens.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:
TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-1º.

DOENÇAS DO
ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acides, Arrotos, Vomitos, Colicas. Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de iulho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO